

CONTO DE INVERNO

baixarlivrosgratis.org

William
Shakespeare



WILLIAM SHAKESPEARE

Conto de Inverno

Conto de Inverno
(*The Winter's Tale*)
William Shakespeare

Edição
Ridendo Castigat Mores

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sem pre por conta do Estado, ou m elhor, da Sociedade que paga im postos; tenho a obrigação de retribuir ao m enos um a gota do que ela m e proporcionou.”

Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
livrosdoexilado.org

Copy left
Ridendo Castigat Mores

Personagens

LEONTES, Rei da Sicília.

MAMÍLIO, jovem Príncipe da Sicília.

CAMILO, nobre da Sicília.

ANTÍGONO, nobre da Sicília.

CLEÓMENES, nobre da Sicília.

DION, nobre da Sicília.

POLÍXENES, Rei da Boêmia.

FLORIZEL, seu filho.

ARQUÍDAMO, um nobre da Boêmia.

UM MARINHEIRO.

UM CARCEREIRO.

UM VELHO PASTOR, pai putativo de Perdita.

O BOBO, seu filho.

Um criado do velho pastor.

AUTÓLICO, um mариola.

HERMÍONE, esposa de Leontes.

PERDITA, filha de Leontes e de Hermíone.

PAULINA, esposa de Antígono.

EMÍLIA, uma dama, do serviço da rainha.

Outras damas, do serviço da rainha.

MOPSA, Pastora.

DORCAS, Pastora.

Nobres e damas da Sicília, criados, guardas, sátiros, pastores, pastoras, etc.

O Tempo, com o coro.

ATO I

Cena I

Antecâmara do palácio de Leontes. Entram Camilo e Arquídamo.

ARQUÍDAMO — Se algum a vez, Camilo, tiverdes oportunidade de visitar a Boêmia, em missão idêntica à que me trouxe aqui, vereis, com o disse, a grande diferença que existe entre nossa Boêmia e vossa Sicília.

CAMILO — Creio que no próximo verão o Rei da Sicília pretende pagar ao Rei da Boêmia a visita que lhe deve.

ARQUÍDAMO — Então, a nossa hospitalidade nos vai deixar envergonhados, mas ao nosso amor nos justificará, porque...

CAMILO — Suplico-vos...

ARQUÍDAMO — É verdade; falo com conhecimento de causa. Não nos será possível, com tanta magnificência... um a tão rara... Não sei com o expressar-me. Teremos de dar-vos algum a bebida soporífica, para que vossos sentidos, não percebendo nossa insuficiência, ainda que não nos possam elogiar, pelo menos não nos censurem.

CAMILO — Avaliais muito alto o que vos dado de boa vontade.

ARQUÍDAMO — Podeis crer que falo de acordo com o meu entendimento e com o impulso a honestidade.

CAMILO — Com relação à Boêmia, Sicília nunca poderá mostrar excesso de amizade. O Rei da Sicília e o da Boêmia passaram juntos a mocidade, tendo entre eles a amizade criado tão profundas raízes, que não poderá deixar de produzir galhos. Desde que a com postura da idade viril e as obrigações reais os separaram, suas relações, ainda que não diretas, têm sido muitas regiam entre por meio de missivas, cartas e em baixadas amistosas, de forma que pareciam continuar juntos, em horas tivessem separados e que se apertavam mais por sobre um grande abismo e se abraçavam dos confins dos ventos contrários. Que o céu conserve essa amizade.

ARQUÍDAMO — Penso que não há no mundo alicia nem pretexto que possam me odificar-la. Vosso jovem Príncipe Mamílio vos proporciona a favel satisfação não conheço gentil-homem de maiores esperanças.

CAMILO — Nesse ponto, concordo convosco; é uma criança admirável, que cura, realmente, seus doentes e deixa vigorosos os corações envelhecidos. As pessoas que já usavam muletas antes do seu nascimento, ainda querem viver para vê-lo homem feito.

ARQUÍDAMO — E a não ser por esta razão, temeriam de grado?

CAMILO — Sim, no caso de não terem outra desculpa para quererem viver mais tempo.

ARQUÍDAMO — Se o rei não tivesse filho eles desejariam continuar vivendo até que lhe nascesse um .



Cena II

O mesmo. Um quarto de Estado no palácio. Entram Leontes, Políxenes, Hermíone, Mamílio, Camilo e séquito.

POLÍXENES — Já serviu de sinal por nove vezes o úm ido astro ao pastor, dês que deixam os sem fardo nosso trono. Igual espaço de tempo, caro m ano, deveríam os encher com nossos agradecim entos, m as com o vosso devedor perpétuo, ainda assim , nos partíram os. Por isso, tal com o um zero em ponto vantajoso, multiplico por um “muito obrigado” todos os que antes dele se encontrarem .

LEONTES — Deixai de lado os agradecim entos por algum tempo, para no-los dardes no instante da partida.

POLÍXENES — Am anã m esmo, senhor, há de ser isso. Inquieto deixam -m e os m eus receios sobre o que é possível germ inar ou nascer em nossa ausência. Não sobre em casa vento algum m aligno, que m e faça dizer: “Os m eus tem ores eram j ustificados” Além disso, j á cansei por dem ais Vossa Realeza.

LEONTES — Nosso vigor, querido m ano, pode opor-se a m ais do que isso.

POLÍXENES — É-m e im possível ficar m ais tempo.

LEONTES — Um a sem ana, ao m enos.

POLÍXENES — Não; im possível; am anã.

LEONTES — O tempo dividam os, então, sem que eu aceite, desta vez, objeções.

POLÍXENES — Não insistais, por favor, assim tanto. Voz nenhum a, no m undo inteiro, sim , m e poderia convencer com o a vossa, o que sem dúvida agora se daria, caso houvesse qualquer m otivo urgente em vossos rogos e em m im fortes razões para esquivar-m e. Meus negócios m e atraem para casa; se insistirdes comigo, me castiga vossa amizade. Minha permanência vos é pesado fardo, a um tempo, e incôm odo. Para obviar a am bos, m ano, despeçamo-nos.

LEONTES — Em udeceu m inha rainha, acaso? Dizei algum a coisa.

HERMÍONE — Tencionava, senhor, ficar calada até que houvésseis dele arrancado o j uram ento explícito de que não ficará. Tentais vencê-lo com frieza excessiva. Declarai-lhe que tendes a certeza de que tudo na Boêm ia está bem , com o o proclam am as novas recebidas ontem m esm o. Falai-lhe assim , porque dessa m aneira o batereis, no seu m elhor reduto.

LEONTES — Muito bem dito, Herm íone.

HERMÍONE — Se acaso tivesse dito que quer ver o filho, fora razão de peso. Ele que o j ure; depois deixa-o partir. Ele que o j ure, que aqui não ficará, pois haverem os de tocá-lo com nossas próprias rocas. (*A Políxenes.*) Ora a pedir m e atrevo um a sem ana de vossa real presença. Ao visitar-vos na Boêm ia m eu senhor, dar-lhe-ei licença para ficar um m ês além do prazo marcado para a volta, embora, Leontes, não te ame menos uma pancadinha de relógio do que qualquer esposa que acate seu m arido. Resolvestes ficar?

POLÍXENES — Senhora, não.

HERMÍONE — Sim, ficareis. POLÍXENES

— Em verdade, é im possível.

HERMÍONE — Em verdade? Escusais-vos com j uras m uito fracas. Mas em bora com vossos j uram entos das esferas os astros arrancásseis, eu vos diria: "Não, senhor, é inútil falardes em partir." De form a algum a. Esse "de form a algum a" pronunciado por um a dam a é tão potente com o se dito por um rei. Não resolvestes ainda? Então, forçada sou a deter-vos com o m eu prisioneiro, não com o hóspede. Pagareis, desse m odo, ao vos partirdes, vossa estada entre nós sem esbanj ardes os agradecim entos. Que dizeis? Hóspede ou prisioneiro? Pelo vosso terrível "em verdade" é inevitável: tereis de ser um ou outro.

POLÍXENES — Então, vosso hóspede, senhora, pois ser vosso prisioneiro, para m im fora ofensa m ais difícil de com eter, que para vós puni-la.

HERMÍONE — Não serei carcereira, então, m as vossa hospedeira bondosa. Vam os; quero dirigir-vos perguntas sobre todas as peraltes que com m eu m arido fizestes quando crianças. Am bos éreis, de certo, nobrezinhos m ui galantes.

POLÍXENES — Pois não, form osa soberana, m oços que criam sem pre ter

diante de si dias em tudo iguais e que haveriam de ser sem pre rapazes.

HERMÍONE — Meu marido, decerto, era, dos dois, o mais terrível.

POLÍXENES — Eram os dois com o dois cordeiros gêmeos que um para o outro balavam, saltitantes ao sol, de tão contentes. Permütavam os nossa inocência apenas, inocência. A doutrina do marido desconhecendo, nem sequer conceber então podíamos os que alguém a conhecesse. Se tivéssemos os continuado a viver dessa maneira, sem que nossos espíritos ingênuos, pelo sangue levados, se exaltassem, com ousadia ao céu nos fora lícito responder: “Não culpados”, excetuando-se nossa herança marital.

HERMÍONE — De onde concluímos os que tropeçastes, desde então, por vezes.

POLÍXENES — Ó marido querida! Desde essa época tem os sido tentados, pois naqueles dias impletos, meu marido atual esposa ainda era bem menina, e não havia também vossa preciosa formosura caído sob as vistas do meu jovem camarada de hoje.

HERMÍONE — Deus nos guarde! Não tireis conclusões, que poderíeis chamar-me e a vossa esposa de demônios. Mas prossegui sem medo; respondem os pelos pecados que por nossa causa cometestes então, caso conosco, só, tivésseis pecado e só conosco persistísseis nesse erro, sem que houvésseis tido amores com outra até ao presente.

LEONTES — Convenceste-o?

HERMÍONE — Não partirá, senhor.

LEONTES — Recusou-se a ficar a meu pedido. Hermíone querida, nunca a ponto falaste com o agora.

HERMÍONE — Nunca?

LEONTES — Nunca, tirante uma só vez.

HERMÍONE — É, então, verdade? Falei bem duas vezes? E a primeira, quando foi? Por obséquio, dize logo. Enche-me de elogios e me deixa tão gorda como as aves bem tratadas. A boa ação que morre sem encômos, mata milhares que esperavam isso. Nossa paga é o elogio. Por mim as ilhas com um beijo terno podereis levar-nos, sem que nos faça um passo andar a espora. Mas voltem os ao ponto de partida. Minha última ação boa foi pedir-

Ihe que ficasse. E a prim eira? Se interpreto corretam ente o que dizeis, aquela teve um a irm ã m ais velha. Oh! se seu nom e fosse Graça! É, então, certo? Um a vez, antes, eu falei com propósito. Mas, quando? Oh! Perm iti que o saiba! Estou ansiosa.

LEONTES — Ora, foi quando três azedas luas m ui dem oradam ente se finaram , antes de eu conseguir que essa m ão branca se abrisse e confirm asse o teu afeto, depois do que, em resposta, m e disseste: “Sou vossa para sem pre”.

HERMÍONE — Sim , foi graça. Falei bem duas vezes, não é certo? Um a, para alcançar o real esposo; outra, a fim de reter um pouco o am igo.
(*Estende a mão a Políxenes.*)

LEONTES (*à parte*) — Muito quente! Muito quente! Unir as afeições de tal m aneira, é unir, tam bém , o sangue. Estou sentindo “trem or cordis”; o coração m e dança, m as não é de alegria. O acolhim ento pode ficar de rosto descoberto, condescender, até, em liberdade, por generosidade e exuberância, m esm o, do coração. Até aí, concedo. Mas baterem palm inhas, beliscarem -se os dedos, com o o fazem neste instante, perm utarem sorrisos estudados, com o em frente do espelho e, após, suspiros soltarem , com o toque de buzina que a m orte propalasse do veadinho... Oh! Tal acolhim ento é-m e contrário, visceralm ente, ao peito e ao sobrecenho. Vem Mam ílio; és m eu filho?

MAMÍLIO — Sim , bondoso senhor.

LEONTES — Verdade? Então és m eu fedelho. Quê? Suj aste o nariz? Todos afirm am que é igualzinho ao m eu. Vem , capitão; precisam os ser lim pos, capitão; nada devem os carregar na testa, conquanto a vaca, o boi e o bezerrinho passem por m uito lim pos. — Com o! Ainda tocando virginal sobre as m ãos dela? — Então, bezerro libertino? És m esm o m eu bezerrinho, não?

MAMÍLIO — Se vos agrada tal coisa, m eu senhor.

LEONTES — Para isso falta-te cabeça dura e as m inhas excrescências. Ficarias com o eu. Com o dois ovos, dizem todos, nós som os. As m ulheres é que o dizem ... Precisam dizer algo. Mas em bora tão falsas elas fossem com o a cor preta de tintura nova, ou com o o vento e as águas, e até os dados que o j ogador cobiça, quando linha divisória entre o teu e o m eu não traça: verdadeiro seria asseverarem que o m enino com igo se parece. Senhor paj em , olhai-m e com esses olhos da cor do céu. Meu vilãozinho, caro, caríssimo pedaço de mim mesmo! Tua mãe poderia... É, então, possível?

Instinto, teus im pulsos no alvo acertam ; possível deixas o que nunca fora sequer im aginado; aj uda encontras até nos sonhos; vais achar aliado no próprio irreal e ao nada te associas. Depois te tornas crível, pois te j untas a algum a coisa. Agora fazes isso sem j ustificações, e o sinto fundo, pois o cérebro tenho envenenado e a fronte endurecida.

POLÍXENES — Que se passa com Sua Maj estade da Sicília?

HERMÍONE — Parece preocupado.

POLÍXENES — Então, senhor? Com o passais? Que tem o caro m ano?

HERMÍONE — Dais a im pressão de que na fronte tendes grande preocupação. Estais zangado?

LEONTES — Falando sério, não. Com o é freqüente trair a natureza a sua própria loucura, seu desvelo, transform ando-se em obj eto de escárnio para os peitos endurecidos! Contem plando os traços do rosto de m eu filho, pareceu-m e recuar vinte e três anos no passado, vendo-m e quando calça eu não usava, com m eu casaco de veludo verde, a espada am ordaçada, porque o dono não chegasse a m order, assim tornando-se — com o com os ornamentos acontece — perigosa dem ais. Quão parecido, pensava então, eu era a este grãozinho, a este pirralho, a este cavalheiro! Honesto am igo, aceitaríeis ovos em lugar de dinheiro?

MAMÍLIO — Não, m ilorde; prim eiro, brigaria.

LEONTES — Assim , valente? Desse m odo, irás longe. Caro m ano, sois tão ligado ao vosso j ovem príncipe com o nós parecem os ser ao nosso?

POLÍXENES — Senhor, em casa ele é m eu passatem po, m inha alegria, obj eto de cuidados; ora am igo j urado, ora inim igo, parasita da corte, m eu soldado, ministro, tudo, em suma. Deixa os dias de julho curtos como os de dezembro com seu gênio infantil sem pre variável, curando-m e de certos pensamentos que, de outro modo, o sangue me engrossaram.

LEONTES — No que m e diz respeito, a m esm a coisa se dá com este escudeiro. Agora vam os passear, senhor, e vos deixar com vossos pensamentos mais graves. Cara Hermíone, revela na acolhida a nosso mano todo o am or que nos votas. Que para ele fique barato quanto nós tiverm os de caro aqui. Depois de ti e deste pequeno vagabundo, é ele, sem dúvida, quem mais de perto o coração me toca.

HERMÍONE — Se quiserdes achar-nos, estarem os às ordens no j ardim .
Vireis depressa?

LEONTES — Fazei com o quiserdes; hei de achar-vos onde quer que estej ais
ao descampado. (*À parte.*) Agora estou pescando, m uito em bora eles não
vejam com o eu solto a linha. Muito bem ! Muito bem ! Com o a boquinha ela
para ele estende, ou m elhor, o biquinho ! E com o ao braço dele se apóia com
a desenvoltura das m ulheres que têm m arido dócil ! (*Saem Políxenes,
Hermíone e o séquito.*) Bem , j á se foram . Lam a até aos j oelhos;
excrescências acima das orelhas... Brinca, m enino, brinca; tua m ãe tam bém
está brincando. Eu tam bém brinco, m as m eu papel é tão ignominioso, que
acabará com vaia no m eu túmulo. Com o dobre vou ter pateada e escárnio.
Vai brincar, rapazinho; vai. Já houve antes de m im m aridos enganados, se
nisso não m e iludo, com o m uitos deve haver, no m omento em que isto falo,
que a esposa ao braço levam , sem que a m ãe a suspeita de que houvesse
ela as com portas abertas, permitindo que o vizinho do lado pescar viesse no
seu tanque, sim , seu vizinho, o tal senhor Sorriso. Serve, até, de consolo,
im aginarm os que outros hom ens tam bém possuem portas que se abrem
com o as m inhas, sem que os donos tenham vontade disso. Se os m aridos de
esposas infiéis desesperassem , enforcar-se-ia, certamente, a décima parte
da humanidade. Não há cura para esse m al. Influência é de um planeta
lascivo, que revela seus efeitos onde é predominante, parecendo-m e que a
leste, a oeste, ao norte e ao sul tem força. Em conclusão: não pode haver
barreiras que a entrada a um ventre im peçam . Ficai certos do seguinte: o
inimigo elas permitem sair e entrar com armas e bagagens. Milhares dentre
nós sofrem da doença, sem que suspeitem disso. Então, m enino?

MAMÍLIO — Pareço-m e convosco, dizem todos.

LEONTES — Isso consola. Quê! Cam ilo aqui?

CAMILO — Sim , m eu senhor.

LEONTES — Mam ílio, vai brincar; és honesto. (*Sai Mamílio.*) Cam ilo, este
im portante senhor vai demorar.

CAMILO — Muito trabalho tivestes para que a âncora pegasse; escapulia
sem pre que a j ogáveis.

LEONTES — Observaste isso?

CAMILO — Às vossas insistências não queria ceder, sem pre alegando
negócios de im portância.

LEONTES — Percebeste-o? (*À parte.*) Já se fala baixinho a m eu respeito: “O soberano da Sicília é um ...” Custou-m e percebê-lo. — Por que causa, ele ficou, Camilo?

CAMILO — Ante as instâncias da bondosa rainha.

LEONTES — Da rainha, poderá ser; “bondosa”, fora certo; m as, sendo o que é, não é. Com preendeu isso outra cabeça astuta além da tua? Pois teu entendim ento chupa, absorve m ais que os blocos com uns. Terá sido isso notado só por naturezas raras, por alguns indivíduos de cabeça m ais do que extraordinária, sendo o vulgo cego, talvez, para essas coisas? Dize.

CAMILO — Que coisas, m eu senhor? Penso que todos são de pensar que o Rei da Boêm ia espicha dem ais sua visita.

LEONTES — Com o?

CAMILO — Espicha dem ais sua visita.

LEONTES — Bem ; e a causa?

CAMILO — Para satisfazer Vossa Grandeza e aos pedidos de nossa m ui graciosa soberana.

LEONTES — Satisfazer! É boa. De vossa soberana? É quanto basta. Até agora, Cam ilo, te confiava não som ente segredos que m e tocam de perto o coração, com o os de Estado, e, com o sacerdote, m e aliviavas o peito. Com o penitente absolto de ti sem pre partíam os. Mas fom os iludidos com tua integridade, ou com a que com o tal considerávam os.

CAMILO — Deus não o queira, senhor!

LEONTES — Para de novo dizer-te o m eu pensar: não és honesto, ou, se para isso fores inclinado, és um covarde que o j arrete cortas, por trás, à honestidade, de seu curso natural im pedindo-a. Ou te devo considerar um servo que na m inha confiança calou m ui profundam ente e, por isso, relapso, ou com o um tolo que observa o j ogo que se faz em casa, nota o ganho excessivo e tom a tudo com o sim ples pilhéria.

CAMILO — Meu gracioso senhor, eu posso ser relapso, tolo, m edroso, se o quiserdes, falhas essas de que ninguém pode j ulgar-se isento, para afirm ar que nunca, em m eio aos fatos infinitos do m undo, houvesse sido m edroso, tolo ou m esm o negligente. Se algum a vez, senhor, conscientem ente

negligencieei no que se relaciona aos vossos interesses, foi tolice de minha parte; se papel de tolo consciente fiz, foi minha negligência que teve a culpa, por haver deixado de pensar até ao fim nas conseqüências; e se me edroso me e m ostrei, por vezes, de fazer algo cujo o resultado me e parecia incerto, revelando-se o plano não isento de perigo, era isso um medo de que os meus sisudos nem sem pre se livraram . Essas falhas, senhor, são permitidas, sendo certo que a própria honestidade delas sofre. Mas seja a Vossa Graça meu explicito, mostrando-me de frente minhas falhas; se eu as negar, é que não me pertencem.

LEONTES — Nunca viste, Camilo — mas não pode haver sobre isso dúvida; seria preciso que tivesses as janelas dos olhos meus com pactas do que os cornos de meu arido enganado — ou nunca ouviste — pois ante um fato desses, tão visível, não fica meu udo o boato — ou não pensaste — pois quem não pensa nisso é destituído de reflexão — que minha esposa é infiel? Confessa-o logo — a meus que te insurjas com impudência contra os próprios olhos, os ouvidos e o juízo — e me declara que minha esposa é uma prostituta e que mereço o nome vergonhoso que às fiandeiras de linho sem pre damos, por se entregarem antes do consórcio. Vamos, confirma tudo.

CAMILO — Não; já meus diante de mim ninguém insultaria minha nobre senhora desse modo, sem que vingança, logo, eu não tomasse. Maldito eu tenha o coração, mas nunca dissestes nada meus de vós indigno do que neste momento. Insistir nisso, fora pecado meus hediondo ainda do que aquele, se fosse verdadeiro.

LEONTES — E o falar baixo, nada representa? Encostarem-se as faces? os narizes? beijarem-se nos lábios? com um suspiro interromper o curso de um sorriso — prova infalível de infidelidade — encontrarem-se os pés, andarem sem pre pelos cantos, quererem que os relógios fossem meus meus orosos, que os minutos fossem horas, o dia, noite escura? E todo o mundo — meus eles, claro; excetuando-se os dois — com catarata nos olhos, para que pecar pudessem sem ninguém o notar... Tudo isso é nada? Então é nada o mundo todo e tudo que nele se contém ; o céu é nada, Boêmia é nada, minha esposa é nada, são nada todos esses nada, caso for nada quanto passa.

CAMILO — Meu bondoso senhor, curai-vos sem demora dessas fantasias doentias; quase sem pre são muito perigosas.

LEONTES — Dize: é certo.

CAMILO — Não, não, senhor!

LEONTES — É certo; estás m entendido. Torno a dizer, Cam ilo: estás m entendido. Odeio-te! Confessa que não passas de um rústico grosseiro, de um escravo negligente, e até m esm o de um tranqüilo contem porizador que a vista lanças indiferente para o bem e o m al, propenso a aceitar am bos. Se tivesse m inha m ulher o fígado infectado com o sua própria vida, nem um a hora viveria ela agora.

CAMILO — Quem lhe causa sem elhante infecção?

LEONTES — Quem ? Justam ente quem a usa tal qual um a m edalha pendente do pescoço: o Rei da Boêm ia. Se eu tivesse com igo servidores de confiança, com olhos, a um só tem po, para ver m inha honra e seu proveito, para vantagem própria, ora fariam algo que desfaria m uita coisa. Sim , tu, seu escanção — que de um a hum ilde condição eu tirei, grande fazendo-te, e podes ver, m ais claram ente, ainda, do que o céu vê a terra e a terra o céu, com o sou ultraj ado — poderias tem perar a bebida num a copa que para o meu amigo resultasse um sono duradouro. Tal mistura me fora um cordial.

CAMILO — Senhor, m eu príncipe, é certo: eu poderia fazer isso, sem recorrer, até, a essas bebidas de ação m uito violenta, m as valendo-m e de m licor vagaroso, que não age com a visível m alcía dos venenos. Mas crer não posso que haj a sem elhante m ácula em m inha augusta e alta senhora, tão soberanam ente honrada e digna. Sem pre te am ei...

LEONTES — Se acaso ainda o duvidas, que a peste te carregue. Então m e j ulgas tão m al equilibrado, a tal extrem o perturbado que, sem necessidade, m e forj e esses torm entos? Suj ar queira a pureza, a brancura de m eu leito que, sem isso, repouso m e aprestara, m as, m anchado, é aguilhão, espinho, urtiga, ferrão de abelhas? Infam ar quisesse o sangue deste príncipe, m eu filho, que eu am o com o m eu e que presum o sej a realm ente m eu? Será possível que eu fizesse tudo isso? Há alguém tão louco?

CAMILO — Sou forçado, senhor, a dar-vos crédito. Creio no que dizeis. O Rei da Boêm ia vai desaparecer, ficando assente, no entanto, que, um a vez ele afastado, receberá de novo Vossa Alteza, com o antes, a rainha, se não fosse por outra causa, por am or ao príncipe, m as tam bém para pôr cobro na língua dos maldizentes das vizinhas cortes onde tendes am igos ou aliados.

LEONTES — Teu conselho coincide j ustam ente com o que eu com igo m esm o decidira. Disso sua honra não sairá m anchada.

CAMILO — Meu soberano, saí, portanto, e com fisionom ia tão prazenteira com o só a am izade m ostra em dia festivo, tratai sem pre o Rei da Boêm ia e

vossa alta senhora. Eu sou o escanção dele; se bebida salutar eu lhe der, excluí-m e logo do núm ero de vossos servidores.

LEONTES — É tudo; se o fizeres, a m etade terás do coração que aqui m e bate; caso contrário, o teu terás partido.

CAMILO — Fá-lo-ei, senhor.

LEONTES — Hei de m ostrar-m e afável, com o m e aconselhaste. (*Sai.*)

CAMILO — Oh m ulher infeliz! Mas qual é a m inha situação? É preciso que eu propine veneno ao bom Políxenes, não tendo razão para isso, afora a obediência que devo ao m eu senhor, o qual, achando-se em rebelião consigo m esm o, exige de seus hom ens idêntica atitude. Prom ovido serei se fizer isso. Mas ainda que eu achasse m il exem plos de pessoas que, tendo da existência privado o unguido do Senhor, levassem depois vida feliz, não no faria. Mas j á que a pedra, o pergam inho e o bronze um só exem plo disso não nos contam , que a própria vilania o repudie. Preciso, pois, abandonar a corte. Faço-o... Não o faço... De qualquer m aneira quebrarei o pescoço. Os passos guia-m e, feliz estrela! O Rei da Boêm ia chega.

(*Entra Políxenes.*)

POLÍXENES — É estranho! É m uito estranho! Só parece que m eu favor aqui está em declínio. Não m e falar! Ora essa! Boa-tarde, Cam ilo.

CAMILO — Salve, m uito real senhor.

POLÍXENES — Que novidades há na corte?

CAMILO — Nada particular, senhor.

POLÍXENES — Pelo sem blante do rei dir-se-ia que ele um a província perdeu ou algum a terra que estim asse tanto com o a si m esm o. Neste instante o encontrei, e o saudei com o de hábito. Mas ele a vista desviando e os lábios contraindo num gesto de desprezo, afastou-se depressa, a sós deixando-m e a pensar no que pode estar em curso para causar alteração tão grande.

CAMILO — Não m e atrevo a sabê-lo, m eu senhor.

POLÍXENES — Quê! Não vos atreveis? Sabeis de tudo, e não vos atreveis a revelar-m o? O caso é assim , porque para vós m esm o o que sabeis contaís, sem responderdes que não vos atreveis. Meu bom Cam ilo, vosso rosto

alterado ora m e serve de espelho em que tam bém m udados vej o m eus traços fisionôm icos. Forçoso, pois, é que eu tenha algum a parte nisso, para m e ver assim tão transtornado.

CAMILO — Um a doença atacou alguém na corte, m as não posso nom eá-la; foi pegada de vós, que, no entretanto, estais sadio.

POLÍXENES — Com o! Pegou de m im ? Mas certam ente não m e fareis possuidor da vista do basilisco. Olhei para m ilhares de pessoas, que m uito prosperaram por esse fato, sem causar a m orte de ninguém só por isso. Bom Cam ilo, sois, sem dúvida algum a, um gentil-hom em e, além do m ais, instruído — o que à nobreza serve de adorno não m enor que o nom e de nossos genitores, cuj o brilho nos serve de elevar — instantem ente vos suplico se acaso sabeis algo de que eu precise ter conhecim ento, não o deixeis perm anecer oculto nas prisões da ignorância.

CAMILO — Responder-vos não m e é possível.

POLÍXENES — Transm iti doença e m e acho tão sadio? Não; preciso obter um a resposta. Estás m e ouvindo, Cam ilo? Ora conj uro-te, por tudo quanto a honra pode perm itir a um hom em — não sendo a m enor parte este pedido — que m e esclareças tuas conj eturas acerca da desgraça não visível que para m im se esgueira. Ainda está longe? Já vem próxim a? Com o preveni-la? Ou então, de que m aneira suportá-la?

CAMILO — Vou contar-vos, senhor, o que se passa, pois intim ado fui em nom e da honra por quem honrado eu j ulgo. Ouvi, portanto, m eu conselho, que deve ser seguido no m esm o instante em que o tiver exposto; se não, só restará para nós am bos gritar “Perdidos” e nos dar boa-noite.

POLÍXENES — Fala, então, bom Cam ilo.

CAMILO — Estou incum bido por ele de m atar-vos.

POLÍXENES — Ele quem, Camilo.

CAMILO — O rei.

POLÍXENES — E a causa?

CAMILO — Ele presum e, não, j ura com inteira segurança, com o se o houvesse visto ou sido o ferro que vos tivesse atarraxado nisso, que tocastes por m odo crim inoso na rainha sua esposa.

POLÍXENES — Que em geléia pútrida se me altere o melhor sangue e que meu nome e sob o jugo fique lado a lado do que traiu o Altíssimo, que meu nome e libado, de tal modo podre se torne que, onde quer que eu chegue, cause nojo aos narizes mais obtusos; que de minha presença todos fujam, não, que todos a temam mais ainda do que a peste mais grave de que se haja falado ou dado a conhecer por livros.

CAMILO — No que respeita ao pensamento dele, poderíeis jurar pelas estrelas do céu, um a por uma, e seus influxos, mas o mesmo seria pretenderdes proibir que o mar à lua não seguisse, com o edifício sacudido de sua loucura, de alicerces assentados na crença inabalável e que vida terá tanto quanto ele.

POLÍXENES — De que modo nasceu tudo isso?

CAMILO — Ignoro-o. Mas certeza tenho com certeza de que é preferível fugir das conseqüências dessa idéia, a procurar saber como nasceu. Assim, no caso de confiança terdes em minha honestidade — que heis de logo levar com o penhor — fugi esta noite. Secretamente contarei aos vossos seguidores o que há, providenciando para que saiam da cidade em grupos de dois ou três, apenas, por poternas de meu conhecimento. Enquanto a mim, junto de vós irei tentar a sorte, por esta confissão, aqui perdida. Não vacileis; pela honra dos meus entes mais queridos, contei-vos a verdade. Não me é possível esperar, no caso de quererdes mais provas, pois o risco correis de quem se achasse condenado pelo próprio monarca e cuja morte jurada já estivesse.

POLÍXENES — Creio em tudo; o coração no rosto ele mostrava. Dá-me a mão; de piloto ora me serve, que vizinho do meu será teu posto. Meus navios já se acham preparados e há dois dias meus homens só me esperam para partirmos. Este ciúme atinge pessoa muito preciosa. Será forte quanto valiosa ela for, e tão violento quanto o meu arido for mais poderoso. Pensando que se encontra desonrado por quem lhe dedicara sem preafeto, com mais furor há de querer vingar-se. O meu edo me conturba. Feliz viagem, sê minha amiga e de consolo serve à graciosa rainha, alvo de suas suspeitas infundadas, mas sem parte nenhum a ter em nada. Vam os logo, Camilo. Com o pai hei de acatar-te, se a vida me salvar. Estou pronto.

CAMILO — Minhas atribuições me facilitam as chaves das poternas. Saiba Vossa Grandeza aproveitar-se da hora urgente. Vam os, senhor! Depressa!

(*Saem.*)



ATO II

Cena I

Sicília. Um quarto no palácio. Entram Hermíone, Mamílio e damas da corte.

HERMÍONE — Levai daqui o menino. É insuportável; cansa-m e por dem ais.

PRIMEIRA DAMA — Vinde com igo, m eu gracioso senhor; brinquem os juntos.

MAMÍLIO — Não, não quero; de vós não quero nada.

PRIMEIRA DAMA — Por quê, caro senhor?

MAMÍLIO — Beij ais-m e m uito duram ente e falais com igo com o se eu ainda fosse criança. Antes aquela.

SEGUNDA DAMA — E o motivo, senhor, m e queredes?

MAMÍLIO — Não há de ser por terdes sobrançelas escuras, m uito em bora todos digam que as sobrançelas dessa cor assentam m uito bem nas m ulheres, se não forem m uito espessas, som ente um sem icírculo ou m eialua, com o feita à pena.

SEGUNDA DAMA — Quem vos ensinou isso?

MAMÍLIO — Ora, aprendi-o no rosto das m ulheres. Por obséquio: de que cor são as vossas sobrançelas?

PRIMEIRA DAMA — Azul, m ilorde.

MAMÍLIO — Ora, isso é brincadeira. Nariz azul j á vi num a senhora; m as sobrançelas, nunca.

SEGUNDA DAMA — Ora escutai-nos. Vossa m ãe, a rainha, está engordando. Dentro de poucos dias passarem os a servir outro belo e jovem príncipe. Então, só podereis brincar conosco, se tiverdes vontade.

PRIMEIRA DAMA — Ultim am ente, de fato, está ficando m uito gorda. Que

tenha um bom trabalho.

HERMÍONE — De que assunto vos ocupais com tanta seriedade? Vinde, senhor; sou novam ente vossa. Contai-nos um a história.

MAMÍLIO — Alegre ou triste?

HERMÍONE — A m ais alegre que vos for possível.

MAMÍLIO — Vai m elhor com o inverno história triste. Conheço um a de espíritos e duendes.

HERMÍONE — Vam os ouvi-la, bom senhor; sentai-vos aqui j unto de m im , e que m e causem m edo vossos espíritos. Sois forte para contar histórias. Com eçai.

MAMÍLIO — Era um a vez um hom em ...

HERMÍONE — Não, sentai-vos, para depois falar.

MAMÍLIO — ...que residia perto do cem itério. — Aqueles grilos poder-m e iam ouvir; vou falar baixo.

HERMÍONE — Então vinde falar-m e aqui no ouvido.

(Entram Leontes, Antígono, nobres e outras pessoas.)

LEONTES — Encontrei-lo ali? Com todo o séquito? Camilo estava junto?

PRIMEIRO NOBRE — Atrás do bosque de pinheiros. Jam ais tam anha pressa vira em ninguém , assim . Acom panhei-os com a vista até aos navios.

LEONTES — Quão ditoso m e j ulgo por sentir-m e verdadeiro! Com o as m inhas suspeitas se confirm am ! Antes soubesse m enos! Quão m aldito nessa felicidade É concebível que um a aranha se esgueire para o copo de que venha a servir-se um a pessoa que, após, o larga, sem que do veneno sinta qualquer efeito: é que infectada não lhe estava a consciência. Mas se aos olhos o noj oso ingrediente lhe apresentam , e ver lhe fazem com o usara o copo, logo a garganta e os flancos se lhe estalam sob esforços violentos. No m eu caso, bebi a aranha e a vi. De alcoviteiro Cam ilo lhe serviu, serviu de cúm plice contra a coroa. Ficam confirm adas, assim , m inhas suspeitas. Esse falso vilão que eu em pregava, j á se achava contratado por ele; descobriu-lhe m eus planos, entregando-m e ao ridículo, m ais do que isso: em peteca transformando-me que, à vontade, eles todos sopapeassem. Como foram

franqueadas as poternas sem m aior em baração?

PRIMEIRO NOBRE — Tão-som ente em virtude da grande autoridade de que ele desfrutava e que, por vezes, m ais do que isso alcançou sob vossas ordens.

LEONTES — Sei isso m uito bem . — Dai-m e o m enino! Foi ventura não o teres criado ao peito. Muito em bora nos traços se pareça m uito com igo, sobra nele o sangue que só de vós provém .

HERMÍONE — Que é isso? Graça?

LEONTES — Levai daqui o m enino; j unto dela não convém que ele fique. Logo! Logo! (*Sai Mamílio, acompanhado.*) Ela que brinque com o de que está grávida. Quem te deixou tão gorda foi Políxenes.

HERMÍONE — Digo que não foi ele, e o j uro, certa de que m e dareis crédito, conquanto propenso vos acheis para negá-lo.

LEONTES — Senhores, contem plai esta m ulher. Exam inai-a bem . Certo diríeis: “Muito bela pessoa!” Mas, de pronto, vos fôrçara a dizer a honestidade do coração: “Que pena não ser pura, m as desonesta!” Elogiai-lhe apenas a aparência exterior — que, sem ressalvas, m erece alto discurso — que, de pronto vereis os “Ahs!” e os “Huns!” e o encolher de om bros e todas essas pequeninas arm as com que a calúnia atua... Oh! enganei-m e! com que a piedade atua, que a calúnia m ina a própria virtude — o encolher de om bros, e os “Ahs!” e os “Huns!”, no instante em que dissésseis “Com o é form osa!” vos im pediriam de acrescentar: “É honesta”. Assim , que fique conhecido por quem m ais sofre ante essa revelação: é adúltera.

HERMÍONE — Se acaso fosse isso dito por um celerado, o m ais com pleto que no m undo houvesse, m ais celerado ainda se tornara. Mas vós, senhor, vos enganais apenas.

LEONTES — Minha senhora, houve um pequeno engano, tão-só, de vossa parte: em vez de Leontes, Políxenes. Ó coisa à-toa. Deixo de cham ar-te criatura de teu posto, para que o barbarism o, aproveitando-se desse m eu precedente, não aplique o m esm o nom e a todas as pessoas, as posições deixando confundidas de nobres e m endigos. Disse: é adúltera, e o nom e declarei de seu com parsa. Digo m ais: é traidora, e tem por cúmplice Cam ilo, que se encontra a par de quanto com unicar para ela fora opróbrio, tirante o seu parceiro: é prostituta tão baixa com o aquelas a que o vulgo dá nomes pouco limpos. Mais: é cúmplice na fusa deles.

HERMÍONE — Não, por m inha vida; não sou cúm plice em nada. Que rem orsos não sentireis, quando tiverdes plena certeza da inj ustiça que, de público, m e fazeis neste instante! Meu prezado senhor será satisfação pequena dizerdes-m e que estáveis enganado.

LEONTES — Não; se eu m e engano quanto à segurança dos alicerces sobre que edificio, não é forte bastante o próprio centro da terra para sustentar o peso de um a sim ples pitorra de estudante. Para a prisão com ela! Quem por ela quiser interceder, é crim inoso só por haver falado.

HERMÍONE — Algum planeta nocivo está im perando; é necessário m ostrar paciência, até que o céu assum a feição m ais favorável. Meus bondosos senhores, nunca fui propensa ao choro, com o em geral se dá com o nosso sexo. Possívelm ente a falta desse inútil orvalho secará vossa piedade. Mas aqui sinto aquela dor honrosa que abraça em dem asia, porque possa ser apagada por algumas lágrimas. A todos vós, senhores, peço, instante, que m e j ulgueis com ânimo tão brando quando ditar vos possa a caridade. Sej a feita a vontade do m onarca.

LEONTES (*aos guardas*) — Serei obedecido?

HERMÍONE — Quem vem com igo? Peço a Vossa Alteza deixar que m inhas dam as m e acom panhem , pois bem o vedes, m eu estado o exige. Bobinhas, não choreis; não há m otivo. Se porventura ouvirdes que vossa am a m ereceu ficar presa, a flux chorai quando m e libertarem . A presente acusação vai ser-m e proveitosa. Adeus senhor; j am ais quis ver-vos triste, m as triste heis de ficar, tenho certeza. Vinde senhoras; tendes permissão.

LEONTES — Fazei o que eu m andei. Levai-a logo! (*Sai a minha, escoltada, e as damas de companhia.*)

PRIMEIRO NOBRE — Suplico a Vossa Alteza que de novo m ande vir a rainha.

ANTÍGONO — Agi com m uita cautela, m eu senhor, porque a j ustiça não se m ude em violência, o que seria causa de sofrim ento triplicado: para vós, vossa esposa e vosso filho.

PRIMEIRO NOBRE — Por ela, m eu senhor, em penho a vida — com o o faço; aceitai-a — em com o é pura ante os olhos do céu e vossa vista, no que respeita à acusação de há pouco.

ANTÍGONO — Se se provar que ela não é honesta, farei um a cocheira do

m eu quarto de casado e andarei em parelhado sempre com minha esposa, sem que venha dela a m e fiar daí por diante, a m enos que a vej a ou toque nela. Se a rainha não for séria, não há no m undo todo um a só polegada de m ulher, um a dracma de carne delas todas, que falsa não se m ostre.

LEONTES — Ficai quietos.

PRIMEIRO NOBRE — Meu bom senhor...

ANTÍGONO — Por vós é que falam os, não por nós m esm os. Fostes iludido por algum intrigante que, por isso, há de ser condenado eternam ente. Se eu soubesse quem é este canalha, fá-lo-ia achar na terra o próprio inferno. Ela prevaricar!... Tenho três filhas: a m ais velha de onze anos; as m enores, de sete, um a, e a outra cinco, m ais ou m enos. Se for verdade, hão de pagar-m e todas. Hei de esterilizá-las... Por m inha honra. Não chegarão a com pletar quatorze, porque a gerar não venham filhos falsos. São co-herdeiras; m as prefiro ver-m e m utilado, a que tenham só bastardos.

LEONTES — Basta! Parai com isso! Nisso tudo tom ais da coisa o cheiro com sentido frio com o o nariz de um próprio m orto. Mas eu a vej o e sinto, com o agora sentis o que vos faço, e m ais: percebo, o órgão com que sinto isso.

ANTÍGONO — Sendo certo, cavar não precisam os sepultura, para nela enterrar a honestidade. Não rem anesce dela parte m ínim a, para purificar esta esterqueira que abrange toda a terra.

LEONTES — Com o! Vej o que não acreditais no que vos digo.

PRIMEIRO NOBRE — Sobre esse assunto, m eu senhor, prefiro que sej ais vós, não eu, o m entiroso. Mais m e alegre saber que ela está pura do que ver confirm ada esta suspeita, por m ais que nisto o m undo vos censure.

LEONTES — Por que vos dar explicação do caso? Antes obedecer ao próprio im pulso. Dispensar podem nossos privilégios vosso conselho em tudo, sendo apenas nossa bondade inata que vos cham a para dar opinião. Assim , se agora — por estardes perplexos ou fingirdes grande estupefação — não conseguirdes, ou não quiserdes, com o nós, dobrar-vos à verdade dos fatos, ficai certos de que vos dispensam os o conselho; o fato, a perda, o lucro, todo o curso, só a nós dirá respeito.

ANTÍGONO — E eu deseja ra, m eu soberano, que em silêncio houvésseis considerado o assunto, sem lhe terdes dado publicidade.

LEONTES — Como fora possível fazer isso? Ou vos tomastes, com os anos, ignorante, ou já nasceste rem atado pateta. Bastariam a fuga de Camilo e a miúda notória familiaridade entre eles — tão patente com o já mais suspeita algum a vira, e que faltava apenas ser notada, para ser confirmada integralmente, provando o fato as outras circunstâncias — para levar-me e agir dessa maneira. Contudo, para ver minha conduta mais reforçada ainda — que em assunto de tanta relevância, condenada fora qualquer violência — meus ensaieiros despachei ao sagrado Delfo, ao templo de Apolo: Dion e Cleómenes, bastante conhecidos de vós, com o homens íntegros. Dessa resposta tudo ora depende.,O divino conselho irá acalmá-lo e ou esporear-me ainda mais. Não estou certo?

PRIMEIRO NOBRE — Certíssimo, senhor.

LEONTES — Em bora convencido eu já me encontre, sem precisar de saber mais, o oráculo virá servir para acalmá-lo o espírito dos que, com o este, por credulidade da ignorância, não podem convencer-se da verdade dos fatos. Desse modo, de bom aviso pareceu-nos pô-la sob chaves, para que ela não consiga levar a cabo a trama forjada pelos dois que fugiram. Vinde logo; público vou tornar o que ora passa. Este negócio vai movimentar-nos.

ANTÍGONO (*à parte*) — Para boas risadas, é o que eu penso, se a verdade chegar a ser sabida.

(*Saem.*)

Cena II

O mesmo, O interior de uma prisão. Entram Paulina e alguns criados.

PAULINA — O carcereiro da prisão! Cham ai-o.,Dizei-lhe quem eu sou. *(Sai um dos criados.)* Nobre senhora! Não há corte na Europa suficiente para tua pessoa. E agora presa! *(Volta o criado com o carcereiro.)* Bom senhor, conheceis-m e?

CARCEREIRO — Se conheço? Sim , com o um a senhora m uito digna, a quem m uito venero.

PAULINA — Nesse caso, por obséquio, levai-m e até à rainha.

CARCEREIRO — É im possível, senhora, pois tenho ordens expressas em contrário.

PAULINA — Quanta form alidade, para o acesso im pedir de visitas am istosas à honestidade e à honra! É perm itido, dizei-m e, ver um a de suas damas? Emília, por exemplo?

CARCEREIRO — Se quiserdes, m inha senhora, retirar os criados, m andarei vir Em flia.

PAULINA — Então cham ai-a. Retirai-vos.

(Saem os criados.)

CARCEREIRO — Contudo, é necessário que eu assista à conversa.

PAULINA — Pois que sej a. *(Sai o carcereiro.)* Ultrapassa os preceitos da própria arte todo esse esforço para deixar preto o que é, em si m esm o, branco. *(Volta o carcereiro, com Emília.)* Gentil dam a, a graciosa rainha com o passa?

EMÍLIA — Tão bem quanto, reunidos, o perm item tão alto posto e tanta desventura. Os sustos e as tristezas — j am ais dam a tão delicada suportou tam anhas — provocaram -lhe o parto antes do tem po.

PAULINA — Menino?

EMÍLIA — Não, m enina; bela criança, forte e cheia de vida. Sua vista consola a rainha, que lhe fala: “Minha pequena prisioneira, som os am bas inocentes”

PAULINA — Atrevo-m e a j urá-lo: m alditos sej am esses perigosos acessos do m onarca. E necessário contar-lhe o que houve; tem de saber tudo. Isso com pete a um a m ulher; incum bo-m e de lhe dar a notícia. Se disser-lhe palavras doces, quero que na língua m e rebentem feridas, cessando ela de servir de trom beta para a m inha cólera de feições congestionadas. Em ilia, por obséquio, recom enda à rainha m eus préstim os. No caso de ela querer confiar-me a pequerrucha, mostrá-la-ei ao monarca, prometendo servir-lhe de advogado diligente. Quem sabe se ele ficará m ais brando à vista da m enina? Muitas vezes o silêncio da cândida inocência persuade onde os discursos fracassaram.

EMÍLIA — Muito digna senhora, tão patente é vossa honra e a bondade m uito própria, que não pode deixar de ter bom êxito vossa nobre empresa. Não conheço senhora algum a m ais talhada para tão grande iniciativa. Queira Vossa Senhoria esperar no quarto anexo, que logo eu vou participar à rainha vossa nobre proposta. Hoj e m esm o ela pensara nisso; m as não se atrevera a dar essa incum bência a qualquer nobre, com m edo de um fracasso.

PAULINA — Em ilia dize-lhe que eu saberei uso fazer da língua. Se fluir dela eloquência com o audácia no peito ora m e estua, é quase certo ser eu bem sucedida.

EMÍLIA — Deus vos guie. Vou ver logo a rainha. Por obséquio, vinde para m ais perto.

CARCEREIRO — Se a rainha se decidir a vos confiar a criança, não sei ao que m e exponho, pois careço de ordens nesse sentido.

PAULINA — Ora, senhor, não precisais ter m edo; prisioneira do ventre era essa criança; m as por norm as e processos da grande natureza conseguiu resgatar-se e ficar livre. Participar não pode, assim , da cólera do soberano, nem tem culpa algum a da falta da rainha se houve falta.

PAULINA — Podeis ficar tranqüilo. Por m inha honra, hei de pôr-m e de perm eio entre vós e o perigo.

(*Saem.*)

Cena III

O mesmo. Um quarto no palácio. Entram Leontes, Antígono, nobres e pessoas do séquito.

LEONTES — Repouso algum de dia nem de noite. É sinal de fraqueza suportarmos o mal dessa maneira; só fraqueza. Se ao menos estivesse a causa extinta... parte da causa: a adúltera; que o biltre do rei se encontra longe do meu braço, fora do alvo e mirada de meus planos, completamente imune. Mas não posso passar o gancho nela. Se deixasse de existir, consumida pelas chamadas, metade do repouso, certamente, de novo alcançaria. Quem vem lá?

PRIMEIRO CRIADO — Meu soberano...

LEONTES — Com o está o menino?

PRIMEIRO CRIADO — Dormiu a noite toda. É de esperar-se que se restalebeça.

LEONTES — Para a sua nobreza contemplar! Tendo a desonra compreendida da mãe, com o logo a estiolar-se, murchou, sentindo muito profundamente tudo o que passara. Aceitou a vergonha com a própria; perdeu toda a alegria, a fome, o sono, e entrou de definhar. Deixai-me só. Ide ver com o passa neste instante. (*Sai o Criado.*) Oh vergonha! tirem o-lo da idéia. O pensamento de querer vingarmos e se vira contra mim. É poderoso por demais, em si mesmo, além da ajuda dos parentes e aliados. Pois deixem o-lo, até que o tempo nisso me auxilie. Por enquanto, a vingança atinge, apenas. Zombam de mim Camilo e o Rei da Boêmia; brincam com minha dor. Mas muito tempo não hão de rir, que hei de alcançá-los breve. Tam pouco rirá ela, porque a tenho bem presa agora.

(Entra Paulina, com uma criança nos braços.)

PRIMEIRO NOBRE — Não podeis entrar.

PAULINA — Ora, meus bons senhores, ajudai-me, que o podeis. Mais valor dais à tirânica cólera dele do que à própria vida da rainha? Ela, um alma tão graciosa, que mais pureza tem do que ele ciúme?

ANTÍGONO — É quanto basta.

SEGUNDO CRIADO — Toda a noite insone, senhora, ele passou, tendo dado ordem para que ninguém viesse perturbá-lo.

PAULINA — Menos calor, m eu bom senhor. Eu venho trazer-lhe sono, apenas. As pessoas com o vós, que se esgueiram perto dele com o se fossem som bras, e suspiram quantas vezes sem causa ele se agita, é que alim entam toda a sua insónia. Eu, palavras lhe trago, assim verazes com o m edicinais, tenções honestas para purgá-lo desse hum or nocivo, que o im pede de dorm ir.

LEONTES — Quem faz barulho?

PAULINA — Não é barulho, m eu senhor; apenas um a conversa necessária, acerca de alguns com padres para Vossa Alteza.

LEONTES — Com o! Levai daqui essa audaciosa! Antígono, eu te havia prevenido de que não deveria essa m ulher chegar perto de m im . Sabia que ela tentaria isso m esm o.

ANTÍGONO — Disse-lhe isso, m eu senhor, e observei que ela incorria no desgado vosso e m eu, se acaso tentasse visitar-vos.

LEONTES — Com o! Falta-te energia? Não m andas então nela?

PAULINA — Para im pedir de fazer m al, decerto. Mas nisto, a m enos que vos siga o exem plo, prendendo-m e por presa da honra achar-m e, ficai certo de que ele em m im não m anda.

ANTÍGONO — Vós a ouvistes? Quando ela tom a as rédeas nos dentes, disparar a deixo sem pre. Nunca tropeça.

PAULINA — Venho, m eu bondoso soberano, pedir que m e escuteis. Vossa leal serva eu sou, sou vossa m édica, conselheira obediente e dedicada. Mas para vossa cura não m e atrevo a m e insinuar, tal com o o fazem m uitos daqui m esm o. Da parte venho, disse, de vossa boa esposa.

LEONTES — Boa esposa!

PAULINA — Boa esposa, m ilorde; boa esposa. Repito: boa esposa; e pelas arm as isso m esm o provará, se hom em fosse, o pior dentre os presentes.

LEONTES — Expulsai-a daqui!

PAULINA — Quem não prezar os próprios olhos, de leve ora me toque. Por vontade sairei. Antes, porém, darei remate à minha história a que vim. A boa rainha — pois boa ela é — teve uma filha vossa. Ei-la! Para ela pede a vossa bênção. (*Depõe a criança no berço.*)

LEONTES — Fora daqui, virago feiticeira! Alcoviteira infame!

PAULINA — Não sou isso. Tão ignorante sou de tal ofício, quanto vós em me dardes esse título, e tão honesta sou quanto vós, louco, o que, no estado em que se encontra o mundo, posso afiançar-vos, chega até de sobra para a gente ser tida com o honesta.

LEONTES — Traidores! Não a jogareis lá fora? Entregai-lhe a bastarda! (*A Antígono.*) Velho tonto, títere das mulheres, que abandonas o poleiro por causa destes gritos! Levai daqui a bastarda e a entregai logo a essa velha sem dentes.

PAULINA — Desonradas as minhas não se fiquem sem pre, se tocares na princesa, depois do termo baixo que ele falou.

LEONTES — Tem medo da mulher!

PAULINA — Quisera que da vossa vos temesseis, pois desse meu odor, com maior certeza, de vossos chamardes vossos filhos.

LEONTES — Ninhada de traidores!

ANTÍGONO — Não sou traidor; por esta luz divina.

PAULINA — Nem eu, tão pouco; nem ninguém, exceto, dos presentes, um só, que é ele mesmo, pois sua honra sagrada, da rainha, do filho esperançoso, desta criança, à calúnia entregou, cujos acúleos ferem meus ais do que a espada. Ele recusa-se — e no caso presente é verdadeira minha aldição não podermos constrangê-lo — a extirpar um a idéia que é tão podre quanto o carvalho e a pedra são sadios.

LEONTES — Um a ralheta de infundável língua, que bateu no meu arido e ora me atija. Não é minha essa criança; é de Políxenes; retirai-a daqui e, juntamente com a mãe, lançai-a ao fogo.

PAULINA — É vossa filha, sim. O antigo provérbio poderia ter hoje aplicação: “Tão parecida convosco, que dá pena”. Contem plai-a, senhores: muito embora seja a cópia por demais reduzida, o texto inteiro reproduz o do

pai. A boca, os olhos, o todo carrancudo, a testa, o riso, as covinhas das faces e do queixo, o feitio exatíssimo dos dedos, das unhas, da mão toda... Ó Natureza, deusa bondosa, que fizeste, para tanto ela ao genitor ser parecida? Se a alma também plasmou ares, o amarelo de entre as cores exclui, para que um dia, com o ele, a suspeitar ela não venha que não são do mesmo arido os próprios filhos.

LEONTES — Bruxa grosseira! E tu, sujeito à-toa! Merecias a força por não teres poder para fazê-la ficar quieta.

ANTÍGONO — Enforcai os mesmos aridos que não podem realizar essa proeza, e escassam entre vos sobrar um súdito.

LEONTES — De novo vos ordeno: tirai-a daqui logo!

PAULINA — O mesmo ais desnaturado e indigno esposo não faria pior.

LEONTES — Quisera-ver-te num a fogueira.

PALINA — Pouco me incomoda. Herético é quem lança fogo à pira, não quem nela se extingue. Não vos chamem de tirano; porém o mesmo modo indigno por que tratais a esposa — sem poderdes acusá-la de nada, afóra a vossa própria imitação tão mal parada — mostra certo sabor de tirania, deixando-vos ignóbil, mesmo ais do que isso: vergonha para o mesmo undo.

LEONTES — Pelo vosso penhor de vassalagem, retirai-a daqui, sem mesmo ais tardança. Se eu, de fato, fosse tirano, ela estaria viva? Se tivesse certeza de que eu o era, não mesmo e viria agora dizer isso. Levai-a daqui logo!

PAULINA — Por obséquio, não precisais puxar-me e irei sozinha. Tomai conta, senhor, de vossa filha; é vossa. Possa Jove conceder-lhe mesmo elhor anjo da guarda. Para que essas mesmas coisas sobre mim? Mostrando-vos zelosos a esse ponto com todas as loucuras que ele fizer, só lhe sereis nocivos. Deixai! Deixai! Meus. Já nos partimos. (*Sai.*)

LEONTES — Traidor, isso é obra tua. Espicacaste contra mim tua esposa. Minha filha! Levai-a daqui logo! E se te mesmo ostras tão com passivo assim, carrega-a. Vam os! E que depressa as chamadas consumam. Tu, justamente! Tu! Carrega-a logo! Antes de uma hora volta com a notícia de que foram cumpridas minhas ordens. Mas bem testem unhado! Do contrário, hei de tirar-te a vida e o que mesmo ais tenhas. Se te recusas, pretendendo contra minha cólera opor-te, dize logo, que com estas mesmas coisas farei saltar o cérebro desta bastarda. Leva-a para o fogo, já que aticaste contra mim tua esposa.

ANTÍGONO — Não fiz tal, m eu senhor. Estes fidalgos, m eus nobres com panheiros, se o quiserem , podem j ustificar-m e.

PRIMEIRO NOBRE — Sim , podem os, m eu soberano; não tem culpa algum a da vinda da m ulher.

LEONTES — Sois m entirosos, sem exceção de um só.

PRIMEIRO NOBRE — Vossa Grandeza poderia ter-nos em m elhor conta. Sem pre vos servim os fielm ente; fora j usto que nesta hora reconhecêsseis isso. Suplicam o-vos de j oelhos, com o prêm io dos serviços — passados e futuros — que esse intento vos apraza m udar. É horrível, tão sanguinário, para que não tenha consequências nefastas. Aj oelham o-nos todos a um tempo.

LEONTES — Sou plum a que se agita a qualquer vento? Terei de ver um dia essa bastarda vir aj oelhar-se em m inha frente, para dar-m e o nom e de pai? É preferível queim á-la agora, a ter de am aldiçoá-la. Pois vej a. Fique viva. Será o m esm o: não viverá. (*A Antígono*) Senhor, aproxim ai-vos. Já que m ostrais tão grande em penho, ao lado dessa parteira, dona Margarida, para salvar a vida da bastarda — pois é o que ela é; tão certo com o achar-se grisalha m inha barba — que faríeis para salvar a vida desta coisa?

ANTÍGONO — Tudo o de que eu fosse capaz, m ilorde, e que a honra não condene. Ao m enos isto: em penharei o sangue que m e resta, para a vida salvar desta inocente. Tudo o que for possível.

LEONTES — Vou m andar-te fazer algo possível. Jura agora por esta espada que háis de obedecer-m e.

ANTÍGONO — Obedeço, senhor.

LEONTES — Tom a bem nota, e cum pre o que eu m andar — estás ouvindo? — pois o não cum prim ento de um a parte qualquer das instruções, im plica m orte não para ti, apenas, para a tua m ulher de língua solta, a que perdoam os por esta vez. Ordeno-te, portanto, j á que és nosso vassalo, de pegares esta bastarda e a transportares para qualquer lugar deserto e bem distante, fora de nossas terras, aí deixando-a sem m ais piedade, entregue à sua própria proteção e à m ercê do áspero clim a. Acaso estranho a nossas mãos a trouxe. Com justiça, pois, ora te encarrego — sob ameaça de morte e de torturas — de estranham ente nalgum ponto a pores, onde o acaso a alim ente ou a estruf-la venha. Vamos: leva-a daqui!

ANTÍGONO — Juro fazê-lo, em bora a morte rápida lhe fosse caridade maior. Que algum espírito potente ensine aos corvos e aos melancólicos a te servirem de ajuda. Os próprios ursos e os lobos, dizem, da ferocidade natural se despendo, já melostraram tais provas de piedade. Feliz sede, senhor, mais do que o pede esta façanha. E que a bênção celeste te proteja, pobre coisinha condenada à morte. (*Sai, levando a criança.*)

LEONTES — Não, não hei de criar filhos dos outros.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Se Vossa Alteza o permitir, há uma hora chegou o correio, novas nos trazendo da embaixada que enviastes ao oráculo. Já voltaram de Delfo Dion e Cleômenes; pisaram terra e marcharam para a corte.

PRIMEIRO NOBRE — Com permissão, senhor, mais essa pressa ultrapassa qualquer expectativa.

LEONTES — Vinte e três dias lhes durou a viagem. Tal rapidez é indício de que Apolo deseja que a verdade logo surja. Convocai logo uma sessão, senhores, ante a qual possa aparecer a nossa muito desleal esposa. Tendo sido de público acusada, é necessário que a sentença também seja solene. Ser-me-e-á o coração peso angustiante enquanto ela viver. Deixai-me e agora e refliti em tudo o que vos disse.

(*Saem.*)

ATO III

Cena I

Sicília — Rua numa cidade. Entram Cleômenes e Dion.

CLEÔMENES — O clima é delicado, o ar muito ameno, por demais fértil a ilha, ultrapassando de muito o tempo os usuais incômodos.

DION — Elogiar-me e apraz o que me mais fundo me impressionou: as vestes celestiais — esse é o termo apropriado, me parece — e a dignidade de seus graves donos. E o sacrifício? Quão cerimonioso, solene e extraterreno foi o ofício!

CLEÔMENES — A voz atoadora, sobretudo, do oráculo, que lembra o próprio estrondo dos trovões do alto Jove, surpreendidos os sentidos deixou-me, aniquilando-me.

DION — Se o resultado dessa nossa viagem for tão feliz para a rainha — Oh! seja dessa maneira, sim! — com o agradável nos foi, rápida e rara, não teremos perdido nosso tempo.

CLEÔMENES — Grande Apolo, dá bom êxito a tudo! Não me agradam essas proclamações que insistem tanto sobre faltas de Hermíone.

DION — A violência com que é levado avante esse processo, vai pôr fim ao assunto ou esclarecê-lo. Quando for lido o oráculo, selado pelo antiste de Apolo, algo muito raro ficará conhecido. Vão os logo. Cavalos frescos, e que venturoso seja o fim de tudo isto.

(Saem.)

Cena II

Sicília. Uma corte de justiça. Leontes, nobres e oficiais.

LEONTES — Esta sessão — com grande pesadum e é que o dizem os — nos abala o peito. A ré é filha de um monarca e nossa muito prezada esposa. A pecha tira-nos de tirania o fato de ser público todo o processo, que há de seguir nisto seu curso natural, até à sentença condenatória ou à plena absolvição. Trazei a prisioneira.

OFICIAL — Apraz a Sua Alteza que a rainha apareça em pessoa ante esta corte. Silêncio!

(Entram Hermíone, com guardas, Paulina e damas de companhia.)

LEONTES — Lede a acusação.

OFICIAL — “Hermíone, esposa do digno Leontes, Rei da Sicília, és acusada e aqui citada por crime e de alta traição, por teres cometido adultério com Políxenes, Rei da Boêmia, e conspirado com Camilo para tirar a vida do rei, nosso soberano senhor, teu real esposo. Tendo sido esse propósito descoberto em parte pelas circunstâncias, tu, Hermíone, contrariastes a fidelidade e a obediência próprias de um leal súdito, entraste em conchavo com eles e ajudaste, para sua maior segurança, a fugir durante a noite?”

HERMÍONE — Já que quanto eu pudesse ora dizer-vos consistiria apenas no protesto contra essa acusação, não me amparando e nenhum a testemunha, afora eu própria, quase não me aproveita declarar-me e “Não culpada”. Um a vez que está estimada minha virtude com o hipocrisia, quanto eu viesse a dizer, do mesmo modo será interpretado. Apenas isto: se os poderes divinos se interessam pelos atos humanos, com o que fazem, não duvido de que minha inocência fará corar a acusação indébita e tremor, ante a calma e a tirania. Vós, meu senhor, sabeis perfeitamente — conquanto simuleis ora o contrário — que toda minha vida foi tão pura, tão leal e casta, quanto desgraçada presentemente sou, mais do que todos os exemplos da história, sem excluir os casos de invenção postos em cena, para abalar o público. Ora vede-me: com panheira de leite de um monarca, tendo direito a parte igual no trono, filha de um grande rei e mãe de um príncipe esperançoso, com pareço à barra de um tribunal, para falar acerca da honra e da vida,

ante qualquer pessoa que me e deseje e ouvir. A vida, estim o-a com o dor, que de grado evitaria; quanto à honra, é herança que transm ito aos meus. Por isso, defendê-la me proponho. Senhor, apelo para vossa própria consciência. Antes de haver a vossa corte Políxenes chegado, não me achava na vossa graça, e digna não me tinha dela sem pre me ostrado? E, após sua vinda, por que conduta extraordinária, acaso, me mostrei censurável, para, agora, ser citada a esta côrte? Se os limites da honra ultrapassei de um fio, apenas; se por ações ou pensamentos a isso me sentisse inclinada, endurecido torne-se o coração dos que me escutam, e que as pessoas que me são mais próximas a pelo sangue me insultem sobre o túmulo.

LEONTES — Jamais ouvi dizer que esses ousados vícios fossem dotados de im pudência maior para negar seus próprios atos, que para os praticar.

HERMÍONE — É muito certo; conquanto isso, senhor, não se me aplique.

LEONTES — Não quereis confessar.

HERMÍONE — Não me é possível reconhecer senão os meus defeitos inevitáveis. Quanto ao Rei Políxenes, de quem me fazeis cúmplice, confesso que amor lhe dedicava tal com o ele de mim, sem quebra de honra, esperaria, um espécie de amor que condissesse com minha posição, amor em nada diferente do que vós próprio havíeis recomendado que lhe revelasse. Se então eu me tivesse conduzido por outro modo, certo eu me mostrara desobediente em relação a vós e ingrata para o amor, cujo afeto, desde que falar pôde, desde a infância, se declarou por vosso, livremente. Quanto à conspiração, o gosto ignoro-lhe, muito em borra-me fosse ela servida, porque dela provasse. Só o que posso dizer é que Camilo é homem probo. Mas a razão de haver ele deixado vossa corte, se os deuses, sobre o assunto, souberem o que eu sei, são ignorantes.

LEONTES — Sabéis, sim, da parte dele, com o tanto bem sabéis quanto era preciso fazer em sua ausência.

HERMÍONE — Não compreendo, senhor, vossa linguagem. Minha vida se acha a tiro, tão-só, de vossos sonhos; aqui vo-la deponho.

LEONTES — Vossos atos são meus sonhos; sonhei que de Políxenes tivestes um bastardo. Distanciada vos achais da vergonha — que as mulheres dessa laia o estão sem pre — com o longe da verdade dos fatos. Contestá-los vos comete, sem que isso, agora, possa vos ser de algum proveito, pois tal com o jogado fora foi o teu produto — destino justo — por ser carecente de um pai que o reclamasse — maior culpa te cabe neste ponto do que a ele —

agora vais sentir nossa justiça, que em seu curso mais brando, nada mais nos do que pena de morte te comia.

HERMÍONE — Poupei vossas amações; o espantallo com que mais adrontais, eu o procuro. Já não posso ter gosto nesta vida; sua coroa e máxima ventura — vossa confiança — dou como perdida, pois sinto que se foi, em bora ignore com o isso aconteceu. Minha segunda alegria, primícias deste corpo, mais foi tirada, com o se terrível infecção mais tivesse. Meu primeiro consolo, mais alfadada pelos astros, dos seios mais arrancaram — leite puro na boquinha tão pura! — para à morte ser arrastada. Eu própria, proclamada pelos postes com o uma prostituta; um ódio cego mais negou o direito de parto, concedido às mães de todas as posições. Por fim, fui arrastada para aqui, em pleno ar, antes de as forças haver recuperado. Ora dize-me, meu soberano, que felicidades esperar posso, ainda, desta vida, para temer a morte? Por tudo isso, prossegui; mais ouvi-me e estas palavras; minha vida, avalio-a com o palha. Quanto à minha honra, desejo vê-la sem mais ancha alguma. Sendo eu condenada por suspeitas, apenas, dormitando todas as provas favoráveis, mais nos as que vosso ciúme ora desperta, digo que isso é crueldade, não justiça. A vós nobres, declaro que confio plenamente no oráculo. Há de Apolo ser meu juiz.

PRIMEIRO NOBRE — É justo esse desejo. Em nome, pois, de Apolo, que se tornem conhecidas de vez suas palavras.

(Saem alguns officiais.)

HERMÍONE — O Imperador da Rússia foi meu pai. Oh! Se vivo estivesse, agora, visse sua filha ante os juizes! Contem plara minha total mais iséria; mais com olhos brandos de com paixão, não de vingança.

(Voltam os officiais, com Cleômenes e Dion.)

OFICIAL — Agora ides jurar sobre esta espada da justiça, Cleômenes e Dion, que estivestes em Delfo e que trouxestes de lá, realmente, este selado oráculo, recebido das mãos do sacerdote do grande Apolo, e que de então até hoje não tivestes o ousio de violá-lo, quebrando o sacro selo, para o texto secreto conhecerdes.

CLEÔMENES e DION — Sim, juramos.

OFICIAL — “Hermíone é casta; Políxenes, sem mais ancha; Camilo, um súdito leal; Leontes, um tirano ciumento; seu inocente filho, legitimamente concebido; e o rei viverá sem herdeiro, se não for achado o que foi

perdido.”

NOBRES — Bendito sej a o grande Apolo!

HERMÍONE — Sej a louvado eternam ente.

LEONTES — Leste certo?

OFICIAL — Sim , m ilorde; tal com o se acha escrito.

LEONTES — Não há verdade algum a nesse oráculo. Continue a sessão. É só m entira.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Senhor! O rei! O rei!

LEONTES — Que acontece?

CRIADO — Ó senhor, vou tornar-m e odiado, apenas por vos dar a notícia; m as o príncipe, vosso filho, de m edo e de tristeza pela sorte da rainha, acabou indo.

LEONTES — Acabou indo, com o?

CRIADO — Sim , m orreu.

LEONTES — Apolo está zangado; o próprio céu m e castiga a inj ustiça.
(*Hermíone desmaia.*) Então? Levai-a!

PAULINA — A nova foi fatal para a rainha. Vede o que a m orte está fazendo nela.

LEONTES — Retirai-a daqui. Muito oprim ido tem ela o coração. Vai refazer-se. Dei crédito excessivo às m inhas próprias suspeitas. Por obséquio, m inistrai-lhe drogas que a façam retornar à vida. (*Saem Paulina e as damas, sustentando Hermíone.*) Perdoa, Apolo, a m inha irreverência com relação ao teu sagrado oráculo. Hei de reconciliar-m e com Políxenes, reconquistar a esposa, o bom Cam ilo cham ar de novo, proclam ando-o súdito verdadeiro e bondoso, pois, levado por pensam ento sanguinário à idéia de vingança escolhi Cam ilo para dar veneno ao m eu quase irm ão Políxenes, o que teria sido executado, se Cam ilo, de espírito bondoso, não houvesse atrasado m inhas ordens precipitadas, ainda que com prêm ios e am eaças rigorosas eu tivesse querido intimidá-lo e encorajá-lo Nada fazendo, tudo fez; Camilo,

com m uita hum anidade e a honra escutando, contou todo o m eu plano ao m eu real hóspede, abandonou seus bens, que eram vultosos, com o o sabeis, e se confiou de todo ao j ogo certo da fortuna instável, sem m ais riqueza que a honra. Com o a m inha ferrugem lhe ressalta o brilho próprio! Com o a sua piedade torna as m inhas ações m ais pretas ainda!

(*Volta Paulina.*)

PAULINA — Que desgraça! Vinde desapertar-m e o laço, para que, fazendo-o rom per, não se m e estale de todo o coração.

PRIMEIRO NOBRE — Que houve, senhora?

PAULINA — Tirano, que torm entos inventaste para m inha tortura? Que fogueiras, rodas, tratos, flagelos, que fervuras, em óleo ou chum bo, para mim se aprestam? Que martírios, antigos ou recentes, me esperam, se cada um a das palavras que eu disser, em resposta, só m erece quanto de pior tiveres inventado? A tua tirania, trabalhando com teu ciúim e de com um acordo — fantasias m ui fracas para crianças, tolas e ociosas para raparigas de nove anos — Oh! vê o que fizeram e, depois, enlouquece inteiram ente! — pois as tuas tolices anteriores condim ento, tão-só, foram desta últim a. O teres sido falso para o am igo — Políxenes — foi nada; pois, com isso, te revelaste, apenas, inconstante, infernalmente ingrato e m entecapto. Outrossim , não foi m uito desej ares envenenar a honra de Cam ilo, querendo que ele a um rei a m orte desse — pecado à-toa, logo ultrapassado por outros m ais m onstruosos, com o teres j ogado aos corvos tua própria filha — pouco ou nada, realm ente, em bora um diabo prim eiro ao fogo arrancaria lágrim as, antes de fazer isso. Não te culpo, tam bém , diretamente, pela m orte do príncipe gentil, cuja noção de honra — noção m uito alta para a idade — partiu-lhe o coração, ao pensam ento de que um pai tão grosseiro quanto louco sua m ãe graciosa houvesse difam ado. Não, tam bém disso não te faço carga. Mas o últim o — Ó senhores! deveis todos gritar “Desgraça!” ao dizer eu qual sej a — a rainha, a rainha, a m ais querida e inefável criatura, j á não vive... E a vingança ainda não caiu sobre ele!

PRIMEIRO NOBRE — Que os poderes de cim a o não consintam !

PAULINA — Já disse que m orreu, e agora o j uro. Mas se nem j uras, nem palavras, podem convencer-vos, vós m esm os ides vê-la. Se conseguirdes dar-lhe cor aos lábios, ou brilho aos olhos, o calor externo, por dentro o hálito vivo, hei de servir-vos com o o faria a deuses. Mas não tenhas rem orsos, ó tirano, por tudo isso! São fatos por dem ais pesados, para que com tua dor

consigas abalá-los. Entrega-te som ente ao desespero. Mil j oelhos, dez m ii anos sem parada, inteiram ente nu, j ej uns terríveis num a m ontanha desolada, inverno perpétuo, tem pestade irreprim ível, não poderiam dem over os deuses a olhar para o lugar em que estiveres.

LEONTES — Vai-te, vai-te; j am ais dirás bastante. Mereço quanto de pior disserem todas, todas as línguas.

PRIMEIRO NOBRE — Ficai quieta! Por m ais que tenha acontecido, falta m ui grave com eteste, com tam anho despej o de linguagem .

PAULINA — Dá-m e pena; quando com eto algum a falta, logo que venho a conhecê-la, m e arrependo. Que desgraça! Mostrei com o as m ulheres são, no com um , dem ais precipitadas O nobre coração m ostra abalado. O que passou e j á não tem rem édio, lastim ar não devem os. Dor algum a deveis m ostrar, senhor, ante o que eu disse. Pelo contrário, peço-vos punir-m e por vos haver lem brado o que devíeis deixar no esquecim ento. Meu bondoso soberano, senhor, m eu real senhor, perdoai a um a estouvada; m as o afeto que a vossa esposa... Oh! novam ente louca! Maior estouvam ento! Não desej o falar dela outra vez, nem dos m eninos, vossos filhos; não hei de recordar-vos, também, de meu senhor, que está perdido, do mesmo modo. Sede, pois, paciente, que não direi m ais nada.

LEONTES — Não, falaste som ente o que se deu. Prefiro todas essas verdades a que m e lastim es. Por obséquio, levai-m e para a sala onde está o corpo dela e o do m enino. Terão um só sepulcro; sobre a lápide gravada vai ficar a verdadeira causa da m orte de am bos, para nossa vergonha sem piterna. Diariam ente, hei de a capela visitar em que eles se acharem repousando. Meu consolo vai consistir nas lágrimas vertidas sobre essa laj e. E enquanto a natureza m e perm itir fazer esse exercício, prom eto repeti-lo diariamente. Conduzi-me a essas dores.

(*Saem.*)

Cena III

Boêmia. Lugar deserto, perto do mar. Entram Antígono, com a criança, e um marinheiro.

ANTÍGONO — Estás bem certo de que o nosso barco veio ter aos desertos da Boêmia?

MARINHEIRO — Sim, senhor; e receio que tenham os descido em ruim hora. Enfarruscado vej o céu, e a am eaçar-nos im inente tem pestade. Sinceram ente o digo: ele reprova o nosso em prendim ento; por isso está som brio.

ANTÍGONO — Sej a feita sua vontade. Volta para bordo; vai vigiar teu barco; não dem ora, e estarei de retorno.

MARINHEIRO — Ponde pressa no que fizerdes, sem vos arriscardes dem ais pelo interior, pois é certeza vir por aí borrasca. Além de tudo, é conhecida esta região, por causa dos anim ais de preia que aqui vivem .

ANTÍGONO — Volta, que já te sigo.

MARINHEIRO — Estou contente, de coração, por não ter parte nisso. (*Sai.*)

ANTÍGONO — Vem, coitadinha! Em bora eu nunca tenha dado crédito, ouvi dizer que o espírito dos mortos aqui voltam. Se for certo, tua mãe me apareceu na última noite, pois nunca tive um sonho assim tão próximo do estado de vigília. Aproximou-se de mim e um vulto que a cabeça balouçava para um lado e para outro. Nunca vira um vaso de tristeza assim tão cheio e de aspecto de tanta dignidade. Com vestes de cor branca, cintilante com a própria pureza, aproximou-se de mim e tentou falar, se lhe tornaram duas fontes os olhos. Mas contendo-se, o silêncio rompeu desta maneira: “Já que o destino, meu bondoso Antígono, te escolheu, contra o teu melhor intuito, para jogares fora minha filha — ao que, por juramento, estavas preso — lugares afastados há bastantes na Boêmia. Num deles, entre lágrimas, deixa-a, a chorar. E com o para todos ela perdida está, o nome dá-lhe de Perdita, te peço. Mas por este serviço ingrato, que por mim me ardo te foi imposto, nunca mais tua esposa Paulina há de rever” E assim, com

guinchos, desapareceu no ar. Aterrorado, logo me recom pus, tendo concluído que sonhado não fora tudo aquilo, senão pura verdade. Brincadeiras são sem pre os sonhos, mas com este, apenas, supersticiosamente em bora, quero com acerto orientar-me. Estou convicto de que Herm ífone é m orta e que é vontade de Apolo, já que é filha de Políxenes esta criança, que sej a aqui deixada — para viver ou para ser destruída — em terra do verdadeiro pai. Botão, floresce! (*Deposita a criança no chão.*) Fica aí. Eis teu nome. Tom a isto, tam bém . (*Depõe um embrulho junto da criança.*) Se for do gosto da fortuna, dará para te criar, ainda sobrando-te algum a coisa. Aí vem a tem pestade. Coitadinha! Por causa dos pecados de tua mãe, exposta à morte e ao resto. Chorar não me é possível, porém sangra-me o coração. Maldito eu sou por ver-me forçado a fazer isto. Adeus. O dia se em brusca me ais e me ais. Vais ser am ada com um a canção m uito áspera. Tão negro, durante o dia, nunca o céu esteve. Que selvagem clam or! O me ais prudente será ir para bordo. É um a caçada. Estou perdido! (*Sai, perseguido por um urso.*)

(*Entra um pastor.*)

PASTOR — Desej ara que não houvesse idade entre dezesseis e vinte e três anos, ou que a m ocidade dorm isse todo esse tempo, que só é ocupado em deixar com filhos as raparigas, aborrecer os velhos, roubar e provocar brigas. Escutai! A quem ocorreria caçar com sem elhante tempo, se não a esses cérebros ferventes, de dezenove a vinte e dois anos? Fizeram tresmalhar-se dois dos meus m elhores carneiros, e eu receio que o lobo os encontre primeiro que seu dono. Se eu tiver de encontrá-los, há de ser para o lado da praia, onde vão pastar a erva. Boa sorte, se assim o quiseres. Mas, que tem os aqui? (*Levantando a criança.*) Misericórdia! Um a criança! Um a linda criança! Será menino ou menina? Um a menina linda, muito bonita, mesmo. Decerto, algum passo em falso. E em bora eu não seja letrado, posso ler que se trata de passo em falso de algum a dama de posição. Houve algum trabalho de escada, ou de baú, no ângulo de qualquer porta. Mais calor tinham os que geraram isto do que esta pobre coisinha. Só por piedade vou ficar com ela, mas vou esperar até que meu filho chegue. Neste momento ele gritou. Olá! Oh!

(*Entra o bobo.*)

BOBO — Olá! Oh!

PASTOR — Com o! Estavas tão perto? Se quiseres ver um a coisa de que falarás até depois de morte e podre, vem aqui. Por que estás a chorar,

hom em ?

BOBO — Eu vi duas dessas visões, no mar e em terra; mas não posso dizer se foi no mar, porque agora tudo é céu, entre a terra e o firmamento não se pode enfiar a ponta de um alfinete.

PASTOR — Que queres dizer com isso, rapaz?

BOBO — Desejara que vísseis com o ela ronca, com o se enfurece, com o bate na praia. Mas isso não importa. Oh! os gritos lastimáveis das pobres almas! Às vezes, percebendo-os; outras vezes, sem distinguir ninguém; agora, o navio a tocar a lua com o astro principal, para, logo, ser sorvido pela escuma e pela geada, com o quando a gente atira um arolha dentro de um barril. E agora, o que se passou em terra: assistir com o o urso lhe lacerava as espáduas; com o ele me gritava por socorro, e dizia que era nobre e se chamava Antígono. Mas, para acabar com o navio: ver com o o mar o absorvia, porém, antes, com o as pobres almas rugiam e o mar zombava deles; e com o o cavalheiro rugia, e o urso zombava dele, rugindo ambos mais alto do que o mar e a tempestade.

PASTOR — Em nome da Misericórdia! Quando se passou isso, rapaz?

BOBO — Agora me esmo; ainda não tive tempo de piscar uma vez, desde que vi essas coisas. Os homens ainda não tiveram tempo de esfriar de baixo da água, nem o urso de jantar a metade do gentil-homem. Foi neste momento.

PASTOR — Quisera ter estado presente, para ajudar o velho.

BOBO — Quisera que tivésseis estado ao lado do navio, para ajudá-lo, também; porque então a vossa caridade não tomaria pé.

PASTOR — Histórias tristes! Histórias tristes! Mas olha para aqui, rapaz, e abençoa a tua felicidade. Encontrei em teu caminho só coisas que se extinguem; eu, algo que comença a viver. Eis um espetáculo para ti; contempla isto, um a capa de batismo próprio para a filha de um fidalgo. Olha! Toma a, rapaz! Toma! Abre isso. Vamos ver. Já me profetizaram que as fadas me deixariam rico. Deve ser algum a criança enfeitada. Abre logo. Que é que há dentro, rapaz?

BOBO — Sois um velho rico. Se os pecados da mocidade vos forem perdoados, ireis viver muito bem. Ouro! Tudo ouro!

PASTOR — É ouro de fadas, rapaz, com o o tempo para provar. Vamos,

carrega firme! Para casa, logo, pelo caminho mais curto. Tivemos sorte, rapaz; e para continuarmos sem pressa, bastará serem os discretos. Deixa os carneiros correrem. Vão os meus bons meninos; vão os logo para casa, pelo caminho mais curto.

BOBO — Segui direto com o vosso achado, que eu vou ver se o urso já deixou o gentil-homem, e quanto com eu dele. Só são temíveis, quando estão com fome. Se sobrou algum a coisa do homem, dar-lhe-ei sepultura.

PASTOR — É uma boa ação. Se puderes identificá-lo pelo que houver sobrado dele, vai buscar-me, para que eu também o veja.

BOBO — Muito bem; farei isso mesmo, e vocês me ajudarão a sepultá-lo.

PASTOR — Hoje é um dia feliz, rapaz, em que nos cumprimos praticar boas ações.

(Saem.)



ATO IV

Entra o Tempo, como coro.

TEMPO — Eu, que a todos castigo, alegre e espanto bons e m aus, erro m uito e, no entretanto, descubro os erros, ora determ ino usar as asas com bastante tino, sob a form a do Tem po. Por tudo isso, à conta não leveis de m au serviço dezesseis anos haver eu pulado, sem ao m enos deixar assinalado quanto passou durante esse intervalo, que em m eu poder está, sem grande abalo, dobrar a lei, num a hora m uito m inha, e hábitos velhos alterar asinha. Aceitai-m e qual sou, qual tenho sido antes de o uso vetusto haver nascido e o que ora ainda im pera. Estive j unto da hora que os viu nascer e do conj unto, tam bém , do que há de vir, pois tudo passa, sendo certeza que eu deixarei baça toda esta luz, tal com o na m em ória dos presentes se encontra a antiga história. Assim , se o perm itir vossa paciência, virarei a am pulheta, porque urgência ponha no conto, com o se dorm indo passado houvésseis esse tem po infindo. Deixando Leontes — que de tal m aneira se m ostra arrependido da cegueira de seu grande ciúm e, que fechado se m antém todo o tem po — transportado, gentis espectadores, para a linda Boêmia imaginai-me, e mais, ainda: deveis estar lembrados que de um filho do rei j á vos falara. Assim , com brilho vos direi o seu nom e: Florizel. Mas deixando de lado esse donzel, falem os de Perdita que, entretanto, adquiriu tanta graça, que de espanto enche quantos a vêem . Não direi nada do que se vai passar, que à hora azada tudo a saber vireis. Ora o argum ento do Tem po é a filha de um pastor e um cento de coisas correlatas. Concedei-m e toda vossa paciência. E, então, dizei-m e se algum dia j á vistes passatem po tão m esquinho. Se não, o próprio Tem po vos diz que alm e j a, mui sinceramente, que outro não possais ver como o presente. (*Sai.*)

Cena I

Boêmia. Um quarto no palácio de Políxenes. Entram Políxenes e Camilo.

POLÍXENES — Por favor, meu bom Camilo, não insistas. Recusar-te algum a coisa, deixa-me doente; e morto, conceder o que me pedes.

CAMILO — Há quinze anos não vejo a minha pátria; em bora eu tenha passado no estrangeiro a maior parte da vida, desejaria deixar lá os ossos. Além do mais, o rei penitente, meu senhor, mandou chamar-me. Poderei levar algum alívio para a sua tristeza; pelo menos tenho essa presunção, o que também me anima a partir.

POLÍXENES — Se me amas, Camilo, não anules todos os serviços que me prestaste, deixando-me neste momento. Tua própria bondade é a causa de eu não poder dispensar-te. Melhor teria sido nunca te haver conhecido, do que vir a perder-te. Havendo tu dado início a vários assuntos que ninguém mais poderá levar a cabo, será forçoso ou ficares, para que tu me esmolas os arremates, ou levores contigo os próprios serviços que me prestaste. Se eu não te recompensei com o merecido — impossível me fora fazer mais — procurarei esforçar-me e para me ostrar-me mais reconhecido, lucrando com isso apertar ainda mais os laços da amizade que nos liga. Peço-te, portanto, que não me tornes a falar dessa terra fatal, a Sicília, cujo nome, só por si, me martiriza, por me fazer lembrado do rei penitente, como lhe chamaste, o meu reconciliado irmão. A perda de sua esposa insubstituível, e de seus filhos, agora e sempre é de lamentar-se. Dize-me e, quando viste meu filho, o Príncipe Florizel? Os reis são tão infelizes quando verificam tendências menos graciosas em seus filhos, com o quando perdem os que eram adornados só de virtudes.

CAMILO — Senhor, há três dias que não vejo o príncipe. Quais possam ser suas felizes ocupações, não sei dizê-lo. Mas com pesar observei que ultimamente ele anda muito arreado da corte e que é menos assíduo do que antes aos seus exercícios principescos.

POLÍXENES — Observei isso também, Camilo, o que me deixou assaz preocupado, indo a ponto de vigiar o retratamento com os olhos dos meus auxiliares. Por estes soube que ele freqüenta a casa de um humilde pastor, um homem que, segundo se propala, do nada, com grande estupefação dos

vizinhos, chegou a um a situação inexplicável.

CAMILO — Já ouvi falar, senhor, desse homem, que tem uma filha da mais rara beleza. A fama de tal beleza se espalhou muito mais do que fora de esperar da que se originasse de uma choupana humilde.

POLÍXENES — Foi isso também o que me disseram. Receio que seja esse o engodo que atrai meu filho. Vais acompanhar-me até essa choupana, para, sem nos darmos a conhecer, conversarmos com o pastor. Penso que nos será fácil obter de sua simplicidade que nos revele o verdadeiro motivo das visitas de meu filho. Peço-te, pois, que me ajudes neste passo pondo de lado a idéia de voltares para a Sicília.

CAMILO — De muito bom grado obedecerei a vossas ordens.

POLÍXENES — Meu bravo Camilo! Teremos de nos disfarçar.

(Saem.)



Cena II

O mesmo. Uma estrada perto da cabana do pastor. Entra Autólico, cantando.

AUTÓLICO — Quando os narcisos nascem no vale — Viva! — e a zagala corta a cam pina, Que belo tem po! — Ninguém m e fale — À neve pálida o sangue anim a. O linho branco da sebe pende — Viva! — Que canto, o dos passarinhos! Se os apanhasse! Quem não m e entende? Cervej a lím pida aos canequinhos... Canta a calhandra. Que m elodias! — Viva! — Respondem - lhe o galo e o tordo. Para m im cantam e m inhas tias... E nós no feno... Que dia gordo! Já servi o Príncipe Florizel, e no m eu tem po só vestia veludo de três pelos... Mas agora estou aposentado. Mas vou chorar só por isso? A lua brilha, querida. Quanto m enos o serviço, m ais alegre será a vida. Se licença o caldeireiro tem de andar de alforj e às costas, confesso tudo, ligeiro, sem que m e façam em postas. Negócio com cam isas; quando o m ilhano faz o ninho, cuidado com as peças menores. Meu pai me pôs o nome de Autólico... Tendo nascido ele, com o eu, sob a influência de Mercúrio, foi tam bém batedor de coisinhas sem valor. Os dados e as m ulheres m e deixaram deste m odo, provindo toda a m inha renda de roubos insignificantes. A força e as varas são por dem ais poderosas na estrada larga do roubo. A idéia de ser m alhado ou enforcado, constitui para m im verdadeiro pesadelo. Na outra vida não quero pensar nisso. Um a presa!
Um a presa!

(Entra o bobo.)

BOBO — Vej am os: cada onze carneiros dão vinte e oito libras de lã; cada vinte e oito libras de lã rendem um a libra e um xelim ... Quinhentos carneiros tosquiados, quanta lã darão ao todo?

AUTÓLICO *(à parte)* — Se o laço não escapar, o galo é m eu.

BOBO — Não poderei fazer a conta sem o auxílio de um calculador. Vej am os: que precisarei com prar para a festa da tosquia de nossos carneiros? “Três libras de açúcar, cinco de passas de Corinto, arroz...” — Que pretenderá esta m inha irm ã fazer com arroz? Mas m eu pai a pôs com o rainha da festa, e ela sabe o que faz. Ela m e confeccionou vinte e quatro ram alhetes para os sadadores, que são cantores a três vozes, e dos m elhores. A m aior parte são tenores e baixos, só havendo entre eles um puritano que

canta salm os na cornam usa. Preciso de açafão para dar cor à torta de peras; de arilo e tâm ara, nada, que isso não está na nota; noz-m oscada, sete; um a ou duas raízes de gengibre — isso eu poderei pedir em qualquer parte — quatro libras de am eixas e outras tantas de passas.

AUTÓLICO — Oh! Se eu nunca tivesse nascido! (*Atira-se ao chão.*)

BOBO — Em m eu nom e!

AUTÓLICO — Socorro! Socorro! arrancai-m e estes trapos, e depois, a m orte!

BOBO — Ah, pobre alm a! Precisas, m as é que te ponham m ais trapos em cim a do corpo não que te despoj em dos que tens.

AUTÓLICO — O senhor! m ais m e faz sofrer a repugnância que por eles sinto do que os golpes que recebi, que, no entanto, foram bem violentos e se contaram por m ilhões.

BOBO — Ah, pobre hom em ! Um m ilhão de pauladas é coisa séria.

AUTÓLICO — Fui roubado, senhor, e espancado. Arrancaram -m e o dinheiro e as vestes, e m e puseram sobre o corpo estes farrapos detestáveis.

BOBO — Foi algum pedestre que te fez isso ou algum hom em de cavalo?

AUTÓLICO — Foi um pedestre, m eu caro senhor; pedestre.

BOBO — Realm ente, pela roupa que ele deixou contigo, deve ser m esm o pedestre. Se isso é cota de cavaleiro, j á viu trabalho m uito crespo. Dá m e a m ão; vou aj udar-te. Vam os; dá-m e a m ão. (*Ajuda-o a levantar-se.*)

AUTÓLICO — Ó m eu bom senhor! Devagar!

BOBO — Ah, pobre alm a!

AUTÓLICO — Ó m eu bom senhor! Devagar, m eu bom senhor; receio estar com a om oplata fora do lugar.

BOBO — E agora? Podes ficar de pé?

AUTÓLICO — Docem ente, m eu senhor. (*Rouba a bolsa de dentro do bolso do bobo.*) Docem ente! Acabastes de m e prestar um serviço caritativo.

BOBO — Estás sem dinheiro? Posso dar-te algum .

AUTÓLICO — Não, m eu bom senhor. Não. Por obséquio, senhor. Tenho um parente que m ora a uns três quartos de m ilha daqui, para onde justamente vou indo. Lá, encontrarei dinheiro e tudo o mais de que precisar. Não me ofereçais dinheiro, por obséquio; isso me parte o coração.

BOBO — Que espécie de suj eito era o que vos roubou?

AUTÓLICO — Um tipo, senhor, que eu vi correndo a redondeza com o j ogo de “Trou Madam e”. Sei que antes disso ele esteve a serviço do príncipe. Não poderei dizer-vos, m eu caro senhor, por qual teria sido de suas virtudes; m as o certo é que ele foi expulso da corte a chibatadas.

BOBO — Vícios, quereis dizer, sem dúvida; a virtude nunca é expulsa da corte a chibatadas. Por lá tratam -na m uito bem , com o fito de retê-la quanto possível; no entanto, está sem pre de passagem.

AUTÓLICO — Era vício m esm o que eu queria dizer, m eu senhor. Conheço m uito bem esse tipo. Depois disso ele j á andou por aí tudo, carregando um m acaco; depois, foi servente de processo, beleguim ; depois, adquiriu um conj unto de títres que representavam “O Filho Pródigo”, e se casou com a m ulher de um caldeireiro, a um a m ilha do lugar em que tenho m inhas terras e m eus bens, e depois de exercer todas as profissões velhacas, acabou tornando-se um m aroto de m arca m aior. Algum as pessoas lhe dão o nom e de Autólico.

BOBO — A força para ele! Um ladrão, por m inha vida! Um ladrão! Ele gosta de freqüentar as festas noturnas, as feiras e os com bates de urso.

AUTÓLICO — Perfeitam ente, senhor; é esse m esm o; foi esse o m aroto que m e deixou nestes traj es.

BOBO — Em toda a Boêm ia não há m aroto m ais covarde; se o tivésseis encarado com firm eza e cuspidio no rosto dele, é certeza que se poria a correr.

AUTÓLICO — Devo confessar-vos, senhor, que não sou lutador. Para tanto, falta-m e coragem , o que decerto ele bem sabia, podeis crer-m e.

BOBO — Com o vos sentis agora.

AUTÓLICO — Bem m elhor do que antes, m eu doce senhor; j á posso ficar

de pé e andar um pouco. Poderei, até, despedir-m e de vós, para dirigir-m e devagarinho até à casa de m eu parente.

BOBO — Queres que te acom panhe até à estrada?

AUTÓLICO — Não, m eu belo senhor; não, m eu doce senhor.

BOBO — Então, adeus; preciso ir com prar tem peros para a festa da tosquia dos nossos carneiros.

AUTÓLICO — Muitas felicidades, m eu doce senhor. (*Sai o bobo.*) Vossa bolsa não tem calor suficiente para com prar esses tem peros. Hei de fazer-vos com panhia em vossa festa. Se eu não conseguir desdobrar este roubo e não transform ar os tosadores em carneiros, quero deixar de fazer parte da lista dos profissionais, para ter o nome inscrito no livro da virtude. Sigam os por este atalho, alegre o dia inteirinho, oh! Quem vive preso ao trabalho, alvo é sem pre de escarminho, oh!



Cena III

O mesmo. Clareira diante da cabana do pastor. Entram Florizel e Perdita.

FLORIZEL — Essas vestes estranhas vos em prestam m aior relevo às graças. Não pastora, sois Flora em pós de abril. Essa tosquia tão ála cre é reunião de belos deuses, dos quais sois a rainha.

PERDITA — Meu gracioso senhor, bem não m e fica censurar-vos pelo vosso exagero. Sim , perdoai-m e por falar desse m odo. Mas vossa alta pessoa, adorno m áxim o do reino, abatestes com essas vestes rústicas, enquanto a m im , hum ilde rapariga, m e enfeitastes qual deusa. Se esta festa não fosse constituída por loucuras, sem pre, de toda sorte, que os convivas, por hábito, digerem , eu corara por vos ver desse j eito, desm aiando, quero crer, se ao espelho m e enxergasse.

FLORIZEL — Bendigo o instante em que o m eu bom falcão o vôo dirigiu por sobre as terras de vosso pai.

PERDITA — Que Jove vos confirm e. No que m e diz respeito, a diferença de nossas posições m e deixa pávida. Vossa Grandeza não conhece o m edo; m as trem o à idéia de que poderia vosso pai, por capricho do m om ento, vir tam bém por aqui. Oh Fados! Com o não ficaria à vista de sua obra, com traj es tão grosseiros? Que diria? E com o eu conseguira, sob o peso deste luxo de em préstim o, encarar-lhe toda a severidade?

FLORIZEL — Só com coisas alegres devereis ora ocupar-vos. Os próprios deuses, hum ilhando a sua divindade ante o am or, variadas form as de anim ais assum iram . Jove em touro se m udou e m ugiu; Netuno, o verde, baliu com o carneiro; e o deus de vestes de cham as, o áureo Apolo, com o hum ilde pastor se viu, tal com o o faço agora. Nenhum deles j am ais m udou de form a por beleza m ais rara, nem por m óveis tão puros com o os m eus, pois m eus desej os não m archam diante da honra, nem m ais quente do que a fé a paixão se m e revela.

PERDITA — Mas m eu senhor, j am ais vosso propósito firm e assim ficará, se for chocar-se — o que será fatal — de encontro ao grande poderio do rei. Um a de duas coisas forçosam ente há de passar-se: renunciareis de todo ao vosso intento, ou eu à própria vida.

FLORIZEL — Minha cara Perdita, não enubles, por obséquio, a alegria da festa com tão loucas suposições. Minha lindeza, caso eu não possa ser teu, do mesmo modo não serei de meu pai, pois impossível me será pertencer-me, ou ser de alguém, se a ti não pertencer. Persisto nisso, muito em bora o Destino diga “Não”. Fica alegre, querida, e cuida agora de dissipar os pensamentos tristes com o auxílio do que vires. Nossos hóspedes estão chegando. Faze alegre o rosto, com o se já estivessem os no instante de celebrar as núpcias que juramos para um futuro próximo.

PERDITA — Ó Fortuna, sede-nos auspiciosa!

FLORIZEL — Vede! Vossos hóspedes se aproximam. Recebei-os com afabilidade e que sem blante irradie alegria.

(Entram Polírenes e Camilo, disfarçados, o pastor, o bobo, Mopsa, Dorcas e outros.)

PASTOR — Ora, filha! Nas festas deste dia, quando ainda viva estava minha velha, ela era ao mesmo tempo despenseira, padeira, cozinheira, ama e criada; cumprimetava a todos e os servia, cantava suas coisas e dançava suas voltas, também; ora se achava nesta ponta da mesa, ora no meio, ora apoiava-se ao ombro dos convivas, de toda gente. O rosto era só fogo, pela labuta e pelo que bebia para aplacar as chamadas, não deixando ninguém de acompanhá-la nesses brindes. Vós ficais isolada, parecendo mais um dos convidados, do que mesmo a dona dos festejos. Por obséquio, dá as boas-vindas a estes dois amigos desconhecidos, que esse é o melhor meio de nos tornarmos conhecidos deles e, assim, amigos certos. Vam logo, apagai o rubor e revelai-vos o que sois: a rainha desta festa. Acolhei-nos alegre, por estarmos presentes aos festejos da tosquia. Assim, prosperará vosso rebanho.

PERDITA (a Polírenes) — Sois bem-vindo, senhor. Meu pai quer que hoje e fique eu sendo a rainha desta festa. (A Camilo.) Sois bem-vindo. Dá-me essas flores, Dorcas. Reverendos senhores, ofereço-vos arruda e rosmaninho; a cor e o cheiro dessas flores conservam todo o inverno. Com o lembrança e graça conservai-as de nossa parte. Sede, pois, bem-vindos.

POLÍXENES — Pastora — sois uma pastora linda — muito de acordo com a nossa idade, flores do inverno nos oferecestes.

PERDITA — Senhor, quando o ano vai ficando velho, sem ser a morte do verão ainda, nem do trêmulo inverno o nascimento, as flores mais gentis são, tão-somente, cravo-vermelho e goivo variegado, a que muitos dão o

nom e de bastardo da natureza. Dessa espécie, o nosso j ardim silvestre nada ora apresenta. Nunca procuro obter m uda nenhum a.

POLÍXENES — Por que, gentil m enina, as desprezais?

PERDITA — Por ter sabido que nas suas cores, ao lado da criadora natureza a arte tam bém influi.

POLÍXENES — Que sej a assim ; m as em nada m elhora a natureza, senão por m eios que ela m esm a cria. Assim , essa arte a que vos referistes, que aj uda a natureza, um a arte feita por ela própria. Assim , gentil m enina, enxertam os num galho em tudo rústico algum a planta rara, vindo a casca de baixa espécie alim entar o broto de um a raça m ais nobre. Essa arte, certo, corrige a natureza... não, transform a-a; m as é um a arte que é a própria natureza.

PERDITA — Tendes razão.

POLÍXENES — Enriquecei, portanto, vosso j ardim com goivos, sem lhes dardes o nom e de bastardos.

PERDITA — Jam ais hei de pegar do sachó para plantar um a m uda sequer, tal com o não quisera — se pintada estivesse — que este j ovem m e elogiasse por isso, declarando que a m im , por noiva, apenas, desej ara. Aceitai estas flores: alfazem a, hortelã, segurelha, m anj erona, e esta aqui, m alm equer, que se recolhe com o sol, para com ele levantar-se tam bém , cedo, a chorar. Flores são todas do m eio do verão, próprias para hom ens de m eia idade, creio. Sois bem -vindo.

CAMILO — Esquecer-m e-ia de pastar se fosse um dos vossos carneiros, e vivera só de vos contem plar.

PERDITA — Oh, coitadinho! Tão m agro ficaríeis, que as raj adas de j aneiro, sem custo, vos passaram de lado a lado. Agora, belo am igo, para vós desej ara ter algum as flores prim averis, que condissessem com vossa m ocidade. E para vós, tam bém , e para vós, que nesses cândidos ram os trazeis de vossa virgindade ainda os botõezinhos. Ó Prosérpina! Não dispor eu das flores que do carro de Dis, só de pavor, cair deixaste! Os narcisos que a aparecer se atrevem antes das andorinhas, e que os ventos de m arço enleiam no seu grande encanto; as violetas escuras, m as mais doces do que de Juno as pálpebras ou o hálito de Citeréia; as descoradas prim ulas, que fenecem solteiras, sem que tenham visto o brilhante Febo em sua força — doença m uito freqüente entre as donzelas — verbasco altivo, imperial coroa,

lírios de toda espécie, incluída entre eles a flor-de-lis. Oh! faltam -m e essas flores para tecer grinaldas, caro am igo, e com elas cobrir-te.

FLORIZEL — Com o a um corpo sem vida?

PERDITA — Não; não com o a um corpo morto; com o num leito onde brincasse am or. Ou então... Não para dar-lhe sepultura, mas para recebê-lo nestes braços. Aceitai vossas flores, Só parece que eu represento com o vi nas festas da pastoral da Páscoa. Este vestido, certamente, me fez mudar de gênio.

FLORIZEL — Sem pre ultrapassa o que fazeis a tudo quanto está feito. Se falais, querida, desejaria que falásseis sem pre; quando cantais, quisera que, cantando, vendêsseis e com prásseis e, cantando, distribuísseis esmolas, e urásseis vossas preces, bem com o dirigísseis vossos negócios. Se dançais, acaso, desejaria que fosseis um a vaga, para que não fizesseis senão isso, em movimento sempre, sempre a mesma, sem mais função alguma. Vosso modo de proceder, tão singular em cada caso à parte, tal como o mais recente, coroa vossos feitos. Desse modo, vossas ações em tudo são rainhas.

PERDITA — Ó Dóricles, vossos encômos pecam pelo exagero! Se não fôsseis jovem e não deixásseis vislumbrar um sangue tão verdadeiro e leal, que vos revela qual pastor sem defeito, eu poderia muito sabiamente, meu querido Dóricles, considerar que me fazeis a corte por um caminho errado.

FLORIZEL — Não sem jeito, quero crer, vos mostrais de ter receio, com o eu de provocá-lo. Mas agora vamos dançar; e então, minha Perdita, por obséquio. Assim ficam duas coisas que não tencionam separar-se nunca.

PERDITA — Por isso eu juro.

POLÍXENES — Entre as camponias rústicas nunca donzela mais encantadora deslizou no relvado. Tudo quanto diga ou faça, revela um a criatura mais aior do que ela própria. É muito nobre para o meio em que está.

CAMILO — Algo ele diz-lhe que a faz ficar corada. Não há dúvida: é a rainha do leite e da coalhada.

BOBO — Música, vamos!

DORCAS — Se dançais com Mopsa, os beijos dela tem perai com alho.

MOPSA — Ora, que coisa!

BOBO — Basta de palavras. Tem os os nossos hábitos. Comecem ! Música, vamos!

(Música. Dançam pastores e pastoras.)

POLÍXENES — Bom pastor, por obséquio, quem é aquele rapaz bem apessoado que ora dança com vossa filha?

PASTOR — Dóricles lhe chama; ele se orgulha de possuir pastagens de subido valor. Sei isso, apenas pelo que ele contou, mas acredito, pois parece sincero. Também o creio, pois nunca a lua se moveu no lago, com o ele se detém a ler nos olhos de minha filha. Para dizer tudo: penso que me dê um beijo e não decida qual dos dois mais me dedica ao outro.

POLÍXENES — Ela dança com muita graça.

PASTOR — É certo; e assim faz tudo, em hora não me fique bem falar desse modo. Se o meu anexo Dóricles vier a conquistá-la, a noiva lhe levará de dote algum a coisa com que ele nem sonhou.

(Entra um criado.)

CRIADO — Ó senhor! Se pudéssemos ouvir o bufarinheiro que está aí fora, nunca mais dançaríamos ao som do tamboril e da gaita. Sim, nem mesmo um a cornamusa poderia abalar. Canta melodias mais depressa do que vós contais dinheiro e as pronuncia com o se houvesse engolido baladas, estando todos os ouvidos pendentes de suas modulações.

BOBO — Não poderia ter chegado em melhor ocasião. É preciso fazê-lo entrar. Aprecio enormemente as baladas, quando tratam de assunto triste, posto em música alegre, ou de qualquer coisa agradável cantada num tom melancólico.

CRIADO — Sabe cantigas para homens e mulheres de todas as idades. Nenhum comerciante de luvas serviria melhor os seus fregueses. São as mais lindas canções de amor para raparigas, e isso sem nenhuma cabrosidade, o que é raro, com um fundo de refrões delicados, de dildões e tralalás. “Bate nela! Dá socos nela!” e quando algum maroto de boca larga pretende, por assim dizer, tomar a coisa ao pé das letras e pôr em prática o conselho, ele faz a rapariga responder. “Olá! Não me faça mal, bom homem!” dar-lhe um empurrão e escapar com um “Olá! Não me faça mal, bom homem!”

POLÍXENES — Um com panheiro e tanto!

BOBO — Podeis estai certo de que vos referistes a um tipo adm irável. Por acaso, não terá ele bordados para vender?

CRIADO — Tem fitas de todas as cores do arco-íris; m ais agulhetas que poderiam com erudição desem baraçar todos os advogados da Boêm ia, ainda que lhes viessem às grosas; lãs, algodão, cam braia. Ele canta com o se fossem deuses e deusas. Im aginaríeis que um a cana é um anj o, de tal m odo ele vos fala de suas m angas e dos bordados.

BOBO — Por obséquio, traze-o logo, fazendo que ele entre a cantar.

PERDITA — Convém adverti-lo de que não deve usai palavras inconvenientes em suas canções.

(Sai o criado.)

BOBO — Esses bufarinheiros, irm ã, trazem m ercadorias que nem podeis imaginar.

PERDITA — Sim, bondoso m ano, ou que nem m e darei ao trabalho imaginar.

(Entra Autólico, cantando.)

AUTÓLICO — O linho é branco de neve, ao corvo o crepe não deve; luvas de vários m atizes, m áscaras para narizes, delicadas com o rosas, para cutes m elindrosas; braceletes e colares e perfum es para os lares, coifas douradas, corpinhos — rapazes, que presentinhos! — alfinetes, boa tala para os vestidos de gala... Com prai-m e logo, rapazes, quanto ora fordes capazes, sem deixar que vossas belas fiquem tristes e am arelas. Com prai! Com prai!

BOBO — Se eu não estivesse apaixonado por Mopsa, tu não m e arrancarias um tostão; m as estando preso a ela, com o m e encontro, não poderei escapar da peia de algum as luvas e fitas.

MOPSA — Que m e foram prom etidas antes da festa, m as que, ainda assim , não chegam com m uito atraso.

DORCAS — Ele te prom eteu m uito m ais do que isso, se entre nós não houver m entirosos.

MOPSA — E para vós ele deu tudo o que prom etera, se é que não deu

tam bém algum a coisa, cuj a restituição, agora, vos deixaria envergonhada.

BOBO — As m oças de hoj e j á não terão bons m odos? Usarão elas as saias onde deveriam ter o rosto? Não vos sobra tem po, por ocasião da ordenha, ou quando vos recolheis, ou quando lim pais o forno, para falar baixinho sobre essas intim idades? Será preciso tagarelar desse m odo diante de todos os convidados? Por sorte, eles conversam baixo. Abafai as línguas, e nem m ais um a palavra!

MOPSA — Já term inei. Vam os; tínheis-m e prom etido um lenço de seda para o pescoço e um par de luvas perfum adas.

BOBO — Não te contei com o fui roubado no cam inho, tendo ficado sem nenhum dinheiro?

AUTÓLICO — É fato, senhor; há m uitos m alandros por aí afora; por isso, é preciso estar sem pre com os olhos abertos.

BOBO — Não tenhas m edo, hom em , que aqui não perdereis nada.

AUTÓLICO — Assim o espero, senhor; porque trago com igo m uita coisa de valor.

BOBO — Que tens aí? Algun as baladas?

MOPSA — Por favor, com pra-m e algum as; gosto m uito de baladas im pressas porque assim tem os a certeza de que são verídicas.

AUTÓLICO — Aqui está um a de toada m uito triste: Com o a m ulher de um usurário deu à luz vinte sacos de m oedas de ouro de um a só vez e com o ela desejava com er assados de cabeças de víboras e de sapos.

MOPSA — E acreditais que isso sej a verdade?

AUTÓLICO — Pura verdade; aconteceu há um m ês.

DORCAS — Deus m e livre de casar com um usurário.

AUTÓLICO — Vem citado aqui o nom e da parteira, um a tal Mistress Taleporter, e de cinco ou seis m ulheres que estiveram presentes ao parto. Por que haveria eu de espalhar m entiras?

MOPSA — Por favor, com pra essa.

BOBO — Que sej a, então; deixa essa de lado; m as prim eiro m ostra-nos outras baladas. Depois com prarem os algum a coisa m ais.

AUTÓLICO — Aqui está outra, de um peixe que apareceu na costa, na quarta-feira de oitenta de abril, a quarenta m il braças acima da água, e cantou esta balada contra o duro coração das raparigas. Há quem diga que ele tinha sido m ulher, que fora transform ada em um peixe frio por ter querido trocar carne com quem lhe dedicava am or. Essa balada é m uito triste e igualm ente verídica.

DORCAS — E pensais que essa tam bém sej a verdadeira?

AUTÓLICO — Cinco j uízes a subscrevem , havendo m ais testem unhas para o caso do que eu poderia carregar.

BOBO — Deixa essa tam bém de lado. Mostra-nos outra.

AUTÓLICO — Esta aqui é um a balada alegre, m as m uito interessante.

MOPSA — Precisam os tam bém de algum as alegres.

AUTÓLICO — Esta é bastante alegre, sendo cantada com a m úsica de “Duas raparigas que faziam a corte ao m esm o hom em ”. Em todo o Oeste não há quase rapariga que não a saiba de cor. É m uito procurada, posso assegurar-vos.

MOPSA — Nós duas poderem os cantá-la; se quiseres fazer um a das vozes, poderás ouvi-la. É a três vozes.

DORCAS — Aprendem os essa m úsica há um m ês.

AUTÓLICO — Posso cantar a m inha voz; deveis saber que é esse o m eu ofício. Estou pronto.

AUTÓLICO — Já vou; não ireis com igo; para onde vou, não vos digo.

DORCAS — Para onde?

MOPSA — Oh! aonde?

DORCAS — Para onde?

MOPSA — Não deverias ter m edo de revelar-m e um segredo.

DORCAS — Nem a m im ... Ninguém responde?

MOPSA — Se vais à granj a ou ao m oincho,

DORCAS — desviado estás do cam incho.

AUTÓLICO — Eu, não.

DORCAS — À granj a?

AUTÓLICO — Lá, não.

DORCAS — Juraste-m e am or eterno.

MOPSA — E que m e serias terno. Para onde irem os, então?

BOBO — Em pouco tem po nós m esm os a cantarem os. Meu pai e o gentil-hom em estão conversando assunto sério; não os perturbem os. Vem com igo e traze os teus em brulhos. Raparigas, vou com prar muita coisa para vós duas. Bufarinheiro, dá-nos a prim azia na escolha. Meninas, acompanhai-m e.

(Sai o Bobo, com Dorcas e Mopsa.)

AUTÓLICO — E haveis de pagar bem caro. Não quereis com prar-m e fita para a capinha bonita, m inha pom binha, trá-la? Seda fina, lâ espessa, enfeites para a cabeça da últim a m oda, trá-la. Todos ao bufarinheiro! Quem tiver muito dinheiro comprará tudo, trá-la!

(Volta o criado.)

CRIADO — Mestre, chegaram agora três carreteiros, três ovelheiros, três boiadeiros e três guardadores de porcos, que se disfarçaram em hom ens de cabelo. Eles m esm o se denom inam Sátiros e sabem um a dança que as raparigas, por não tom arem parte nela, dizem que não passa de um a m isturada de pulos, conquanto elas próprias concedam que há de agradar m uito, no caso de não ser a dança m uito forte para quem está habituado a danças delicadas.

PASTOR — Que se retirem ! Não querem os saber disso agora; j á tem os loucuras em excesso. Percebo que vos fatigam os, senhor.

POLÍXENES — Não fatigais senão os que vos distraem . Por obséquio, deixai-nos ver esses quatro ternos de pastores.

CRIADO — Três dentre eles, segundo eles próprios o disseram, já dançaram na presença do rei, saltando o pior dos três doze pés e meio de com prido.

PASTOR — Parai com essa tagarelice. Já que estes bons senhores se com prazem em vê-los, fazei-os entrar, mas que se j a logo.

CRIADO — Com o não! Eles já estão à porta, senhor. (*Sai.*)

(*Volta o criado com doze campônios disfarçados de sátiros. Estes dançam e se retiram.*)

POLÍXENES (*ao pastor*) — Sim, pai; depois vos falarei sobre isso. (*A Camilo.*) Já foram longe por dem ais. É tem po de separá-los. O pastor é sim ples e diz o que não deve. (*A Florizel.*) Então, galante pastor? O coração tendes tom ado por algo que da festa vos afasta. Pois em verdade, quando eu era m oço e, com o vós, ficava apaixonado, enchia m inha bela de presentes. Já teria saqueado as sedas todas daquele vendedor, sendo forçoso que ela viesse a aceitá-las. Mas deixastes que ele partisse sem com prar-lhe nada. Se vossa apaixonada interpretasse m al toda essa reserva, e a definisse com o falta de am or, quando não fosse de generosidade, ficaríeis atrapalhado para responder-lhe, m orm ente se fizerdes grande em penho de vir a conquistá-la.

FLORIZEL — Venerando senhor, eu sei que ela dá pouco apreço a essas quinquilharias. Os presentes que ela de m im alm eja, bem guardados tenho-os no coração. Todos são dela, m uito em bora não os tenha ainda entregue. (*A Perdita.*) Permite que o im o peito eu patenteie diante deste senhor, que, tudo o indica, o am or já conheceu. A m ão te pego, esta m ão tão m acia quanto o peito das cândidas pom binhas, e tão brancas com o dentes de étiope, ou qual neve que o vento norte j oeira duas vezes.

POLÍXENES — Que virá depois disso?, Com que delicadeza o pastorzinho lavar parece a m ão, de si tão branca? Mas vej o que vos distraí. Ouçam os o juramento, pois saber desejo como empenhais a fé.

FLORIZEL — Vou j á fazê-lo; nisso, m e servireis de testem unha.

POLÍXENES — Servir pode tam bém o m eu vizinho?

FLORIZEL — Não ele só, os hom ens, toda a terra, o firm am ento, tudo: que se eu fosse coroado rei do m ais possante im pério, e digno desse posto m e m ostrasse; se o m ancebo m ais lindo eu fosse, acaso, que olhar já enfeitiçou, e dispusesse de saber e de força m ais que hum anos, tudo eu desprezaria, se

privado de seu amor e visse. A seu serviço poria essas vantagens; dedicara tudo à sua pessoa, ou, decidido, sacrificara tudo, se a perdesse.

POLÍXENES — Solene juramento!

CAMILO — Que revela minha sincera afeição.

PASTOR — E tu lhe dizes o mesmo, minha filha?

PERDITA — É-me impossível falar tão bem, nada fazer tão bem, nem traduzir meu amor os sentimentos; contudo, sei medí-los na pureza dos sentimentos dele.

PASTOR — Aqui, as mãos. Negócio feito. Ireis ser testemunhas, caros desconhecidos, do contrato. Minha filha entregue, e o dote dela ao dele igualarei.

FLORIZEL — Sim, poderíeis fazê-lo apenas com a virtude dela. Quando alguém falecer, hei de herdar tanto com o mesmo em sonho poderíeis imaginar sequer; o suficiente para vos assombrar. Porém uni-nos diante destes senhores.

PASTOR — Dai-me a mão. Filha, a vossa também.

POLÍXENES — Um momento, meancebo, por obséquio. Tendes pai?

FLORIZEL — Tenho, sim; mas, que importa?

POLÍXENES — E ele se encontra ciente do que se passa?

FLORIZEL — Não, nem nunca virá a saber de nada.

POLÍXENES — Parece-me que um pai, nas núpcias de seu filho é o convidado que mais condiz à mesa. Respondei-me e de novo, por obséquio: já se encontra vosso pai, porventura, inteiramente incapaz de tratar de assunto sério? A idade e o reumatismo deprimente deixaram-no abobado? Pode, acaso, falar? Entende o que se diz? Distingue bem as pessoas? Gere os seus negócios? Preso ao leito se encontra, e em quanto faça parece criança?

FLORIZEL — Não, meu bom senhor; tem bastante saúde e ainda revela vigor acima da sua idade.

POLÍXENES — Se for assim, por esta barba branca, não procedeis, em relação a ele, com o meu filho com pete. A razão manda que meu filho por

si escolha esposa; mas a mesma razão fala bem alto que o pai — cuja maior felicidade consiste em ter uma bonita prole — também opine em semelhante caso.

FLORIZEL — Concedo tudo; mas por outras causas; reverendo senhor, que não vos posso revelar, a meu pai não direi nada com respeito a este assunto.

POLÍXENES — Não; contai-lhe.

FLORIZEL — É impossível.

POLÍXENES — Falai-lhe, por obséquio.

FLORIZEL — Não poderá saber o que se passa.

POLÍXENES — Meu filho, usa com ele de franqueza; não ficará zangado ao ter ciência da escolha que fizeste.

FLORIZEL — Vam os! Vam os! É impossível. Firm em nossa união.

POLÍXENES (*descobrimdo-se*) — Vosso divórcio, meu filho, a quem não devo dar o nome de filho, pois te mostras vil demais para que eu te reconheça. Um herdeiro do cetro, que prefere o cajado de pastor!... Só o que me pesa, velho traidor, é reduzir-te a vida de um a sem-ana apenas, com o meu andar-te pendurar numa forca. E tu, bonito tipo de feiticeira, que sabias muito bem que real tolo tinhas preso...

PASTOR — Que dor no coração!

POLÍXENES — Não de os espinhos arranhar-te a beleza, até a igualarem à tua condição. — E tu, pateta, se eu souber que suspiras de saudades desta coisa nenhuma — que é certeza nunca mais a reveres — destituo-te da sucessão do trono, declarando-te estranho ao nosso sangue e a nossa casa, e tão distante dela como o próprio Deucalião. Toma nota do que eu digo: retoma para a corte. E tu, saloio, por esta vez, em bora incorrido hajás em nosso desprazer, de ti desviamos a punição fatal. E vós, feiticeira — digna bastante para um pagueiro... Sim, para este também, que se revela — não se opusesse a tanto o nosso nome — pouco digno de ti — se em algum tempo descerrares os rústicos ferrolhos, para deixá-lo entrar, ou se nos braços o prenderes de novo, hei de uma morte tão cruel te reservar quanto franzinofores para enfrentá-la. (*Sai.*)

PERDITA — Aniquilada completamente, em bora não ficasse muito

atem orizada, pois estive um a ou duas vezes para lhe ser franca, dizendo-lhe que o m esm o sol que brilha sobre sua corte não esconde o rosto de nossa pobre choça e am bas contem pla. Não vos dignais, senhor, de partir logo? Já vos havia dito com o tudo viria a term inar. Cuidai, vos peço, de vossa posição, que este m eu sonho... Um a vez despertada, não prossigo no papel de rainha um só m om ento; voltarei a ordenhar m inhas ovelhas e a chorar.

CAMILO — Pai, que é isso? Dize algo, antes de vir a m orte.

PASTOR — É-m e im possível pensar ou dizer nada, sem que possa atrever-m e a saber o que sabia... Ó príncipe! Matastes quem chegara aos oitenta e três anos calculando baixar tranqüilam ente à sepultura, m orrer no leito em que m eu pai m orrera, e ao lado de seus ossos venerandos encontrar o repouso. Mas agora, algum carrasco o corpo há de envolver-m e num lençol e depô-lo onde não haj a sacerdote que poeira jogue nele. Ó coisa desprezível! Tu sabias que era o príncipe! Com o te atreveste a fazer essa aliança? Estou perdido com pletam ente! Se a m orrer eu viesse neste instante, teria arrematado minha existência como o desejara. *(Sai.)*

FLORIZEL — Por que m e olhais assim ? Estou som ente penalizado, m as não sinto m edo. Houve atraso, m as não se alterou nada. O que eu era, ainda sou; tanto m ais força faço para avançar, quanto m ais sinto que m e puxem por trás. É com protestos que m e sinto no aj ouj o.

CAMILO — Meu gracioso senhor, não ignorais com o é o caráter de vosso pai. Nestas prim eiras horas não adm ite conversa, estando eu certo de que não pretendes insistir nisso. Dificilm ente, tem o, há de ele vossa presença suportar. Será prudente, pois, evitá-lo até que fique calm o.

FLORIZEL — Não tenho essa intenção. Mas, sois Cam ilo?

CAMILO — Ele m esm o, senhor.

PERDITA — Oh! Quantas vezes vos disse que tudo isso se daria? Quantas vos repeti que só durara m inha grandeza, até que se tornasse conhecida a verdade?

FLORIZEL — Isso só for a possível se perj uro eu m e tornasse. Então, que a natureza aperte os flancos da terra e m oa todas as sem entes que ela no boj o tem . Eleva o olhar. Agora, pai, deserda-m e, se o queres, que herdeiro passo a ser de m eu afeto.

CAMILO — Atendei a conselhos.

FLORIZEL — Sim , do próprio coração. Se a razão a obedecer-lhe se resolver, razoável vou m ostrar-m e. Do contrário, os sentidos à loucura se inclinarão, dando-lhe as boas-vindas.

CAMILO — Isso revela desespero, príncipe.

FLORIZEL — Podeis chamar-lhe assim; mas se é verdade que me reforçam juras, dou-lhe o nome de honestidade. Nem por toda a Boêmia, Camilo, nem as honras que eu pudesse receber, nem por tudo que o sol veja, ou que a terra contenha; nem por quanto possa o mar esconder nas profundezas de braços insondáveis, hei de as juras quebrar que fiz à minha linda amada. Por tudo isso vos peço, já que sem pre fostes amigo certo de meu pai, quando ele vier a dar por minha falta — pois não pretendo nunca mais revê-lo — a cólera acalmá-lhe com conselhos adequados, pois doravante vamos lutar: eu e a fortuna. Assim vos digo, e podereis contar-lhe, que me empego com quem não posso proteger na praia. E, por felicidade, de um navio disponho aqui, bem perto, que eu não tinha para isso aparelhado. O itinerário não precisais saber; não me compete, portanto, revelá-lo.

CAMILO — Ó caro príncipe! Desejara que o espírito tivésseis mais acessível a um conselho honesto ou mais forte na própria adversidade.

FLORIZEL — Ouve, Perdita. (*A Camilo.*) Logo vos atendo.

CAMILO — Mostra-se inabalável; é certeza partir. Feliz eu fora se pudesse utilizar sua saída, para servir aos meus intentos, preservá-lo dos perigos da ausência, demonstrar-lhe todo o respeito e amor, sendo esse o preço de voltar a ver minha Sicília, bem com o aquele infeliz rei, meu amado, com o tanto desejo!

FLORIZEL — Bom Camilo, tanto agora me apremam coisas graves, que vou deixar de lado a cerimônia.

CAMILO — Quero supor, senhor, que já tivestes conhecimento de com o eu dedico todo o meu pobre préstimo ao serviço, tão-só, de vosso pai.

FLORIZEL — Sim, com nobreza sempre o servistes. A meu pai é música elogiar vossos feitos, não lhe dando pouca preocupação o pensamento de premiá-los à altura.

CAMILO — Bem, meu príncipe; se estais certo do amor que ao rei eu voto, e, por seu intermédio, a quem mais perto dele se encontra — vossa própria

Alteza graciosa — consenti que eu vos dirija, caso vosso projeto bem pensado possa ser alterado. Por minha honra, um lugar vos indico em que acolhida Vossa Alteza achará em tudo digna, onde vos lograreis de vossa amada, de quem, agora o vejo, nada pode vos separar, senão tão-só — que os fados não o permitem! — vossa própria ruína, e onde a desposareis. Em vossa ausência tudo farei para acalmar a cólera do descontente pai e por deixá-lo disposto como dantes.

FLORIZEL — De que modo, Camilo, poderá ser isso feito — quase um milagre! — para que eu te chame e mais do que hum ano e em tudo em ti confie?

CAMILO — Já decidistes o lugar em que heis de procurar acolhida?

FLORIZEL — Não, ainda; mas com o foram fatos positivos a causa de partirmos tão de súbito, escravos confessam o-nos do acaso, que os ventos tocam para qualquer parte.

CAMILO — Então ouvi-me e neste obedeci-me. Se persistis no intento e quereis mesmo levar a termo a fuga, dirigi-vos para a Sicília, e lá apresentai-vos com vossa esposa — pois princesa, vejo-o bem, será logo — ao Rei Leontes. Recebida será conform e o título de vossa própria esposa. Só parece que estou vendo: Leontes abre os braços a chorar e vos dá as boas-vindas, pedindo-vos perdão, com o se fosseis vosso pai em pessoa, as mãos oscula da nova princesinha e uma e mais vezes volta a tratar dos sentimentos próprios — a ingratição e o amor — enviando aquela para o inferno e almejando que este cresça mais depressa que o tempo ou o pensamento.

FLORIZEL — Mas meu digno Camilo, que pretexto darei para a visita?

CAMILO — Sois enviado, direis, de vosso pai, para saudá-lo e levar-lhe conforto. Toda vossa conduta, as coisas que deveis dizer-lhe com o se vosso pai por vós falasse — e que só nós sabemos — por escrito, príncipe vos direi, com minhas inuciosas indicações do que será preciso dizer em cada audiência. Desse modo, não poderá deixar de ficar crente de que representais o pensamento de vosso pai e que falais por ele de todo o coração.

FLORIZEL — A vós me entrego; o plano é promissor.

CAMILO — Muito mais viável de que vos atirardes sem destino a águas nunca sulcadas ou a paragens com que nunca sonhastes, na certeza de misérias sem número, só tendo para cairdes noutra. Não padece dúvida que o melhor que vossas âncoras vos fariam, seria fundear sempre onde ficar

não vos agrade nunca. Adem ais, é a ventura, sabeis disso, o laço m ais potente para o am or, cuja a estrutura grácil e, por ela, tam bém o coração, com a adversidade por dem ais se ressentido.

PERDITA — Um a de vossas proposições é certa: a adversidade pode influir nas feições, m as nunca pode vencer o coração.

CAMILO — É desse m odo que pensais? Outra filha assim , na casa de vosso pai não há de vir ao m undo nestes sete anos. Meu bondoso am igo, tão à frente ela vai da instrução própria, quanto a retarda o berço.

CAMILO — Quem dissesse que lhe falta instrução, com eteria erro palm ar, pois m estra ela parece de m uitos professores.

PERDITA — Oh! Perdoai-m e, senhor, m as coro só de agradecer-vos.

FLORIZEL — Minha linda Perdita! Mas estão os pisando sobre espinhos. Bom Cam ilo, salvador de m eu pai e agora nosso, m édico de nós todos: que farem os? Não estão os vestidos com o filhos do Rei da Boêm ia, para apparecerm os na corte da Sicília.

CAMILO — Não sej a isso, senhor, razão de vos deixar inquieto. Com o o sabeis, é lá que tenho toda m inha fortuna. Todo m eu cuidado consistirá, portanto, em aprestar-vos com pom pa real, tal com o se realm ente representásseis um a cena m inha. Por exem plo, senhor. Ouvi-m e, para vos convencerdes de que tendes tudo.

(Conversam à parte.)

(Entra Autólico.)

AUTÓLICO — Ah! Ah! Que louca é a Honestidade! E com o é sim plória a Confiança, sua irm ã de j uramento! Vendí todas as m inhas bugigangas: pedras falsas, fitas, espelhos, vidrinhos de perfume e, broches, caderninhos de notas, baladas, facas, luvas, cordão de sapatos, braceletes, brincos, nada m e ficou! Era m ais quem em purrava os outros, querendo todos ser os prim eiros a com prar, com o se as m inhas frioleiras fossem santificadas e valessem com o bênçãos para os com pradores. Desse m odo, pude ver quais eram as bolsas de m elhor aparência, o de que não m e esquecerei na ocasião oportuna. Meu Bobo — m uito pouca coisa lhe falta para que ele sej a um hom em sensato — de tal m odo ficou tom ado de paixão pelas baladas das raparigas, que não arredou pé enquanto não aprendeu a toada e as letras, o que atraiu para o meu lado o resto do rebanho, cujos sentidos se

concentraram nos ouvidos. Poderíeis desapertar as vestes de qualquer pessoa e retirar-lhe dos bolsos um a moeda, que ninguém sentia nada. Poderia ter roubado chaves pendentes de correntes; ninguém percebia coisa alguma, não ouvia outra coisa a não ser a canção de meu homem, boquiabertos diante de sua absoluta desvalia. Desse modo, aproveitando-me do letargo universal, cortei o cordão da maior parte das bolsas festivas e apropriei-me e delas. E se não fosse ter aparecido o velho, a fazer um barulhão por causa de sua filha e do filho do rei, espantando-me do restolho os corvos, não teria deixado com vida uma só bolsa em todo o exército.

(Camilo, Florizel e Perdita vêm para a frente.)

CAMILO — Chegando minhas cartas, pelos meios de que já vos falei, ao mesmo tempo que vós, desmancharão qualquer suspeita.

FLORIZEL — E as cartas que obtiverdes do Rei Leontes...

CAMILO — Deixarão satisfeito vosso pai.

PERDITA — Sede feliz; quanto dizeis inculca boa aparência.

CAMILO *(percebendo Autólico)* — Quem é esse tipo? Com o instrumento, poderá servir-nos. Não convém omitir coisa nenhuma.

AUTÓLICO *(à parte)* — Se eles ouvirem o que eu disse, o fim é a força.

CAMILO — Então, amigo? Por que tremes desse jeito? Não tenhas medo, homem; ninguém pensa em te fazer mal.

AUTÓLICO — Eu sou um pobre camaráda, senhor.

CAMILO — Pois então, continua a sê-lo, que nenhum de nós tenciona privar-te dessa vantagem. Contudo, podem os fazer uma barganha com a aparência de tua pobreza. Por isso, despe-te imediatamente — basta saberes que há grande urgência — e troca de roupa com este gentil-homem. Em bora só ele tenha a perder com a troca, fica com mais isto, de crecência.

AUTÓLICO — Sou um pobre camaráda, senhor. *(À parte.)* Conheço-vos perfeitamente.

CAMILO — Vam os! Por obséquio, despacha-te! O cavalheiro já está mesmo despido.

AUTÓLICO — Estais falando sério, senhor? (*À parte.*) Estou farejando um a cilada em tudo isso.

FLORIZEL — Vam os logo, por obséquio.

AUTÓLICO — É certo que já recebi o penhor; mas, em consciência, não posso aceitá-lo.

CAMILO — Desabotoa! Desabotoa logo! (*Florizel e Autólico trocam as vestes respectivas.*) Feliz senhora — que se concretize quanto ora profetizo! — retirai-vos para um lugar discreto; na cabeça ponde o chapéu de vosso apaixonado, puxando-o para os olhos; cobri o rosto, trocai de roupa, transformai-vos quanto vos for possível, alterando vossa aparência verdadeira, para que possais — pois receio que vos vejamos — chegar a bordo sem que vos conheçam.

PERDITA — Vej o que tenho o meu papel na peça.

CAMILO — Não há remédio. Pronto?

FLORIZEL — Poderia conversar com meu pai, sem que ele o nome e de filho seu me desse.

CAMILO — É necessário ficardes sem chapéu. Vinde, senhora. Adeus, adeus, amigos.

AUTÓLICO — Meus, senhor.

FLORIZEL — Ó Perdita! Esquecem os uma coisa! Vem! Um palavrinha!

(*Falam à parte.*)

CAMILO (*à parte*) — Consiste agora todo o meu cuidado em revelar ao rei a fuga deles e o lugar do refúgio, tendo quase certeza de chegar a convencê-lo de seguir-lhes no encalço. Assim, eu junto, vej o outra vez Sicília, o que desejo o fazer com impaciência feminina.

FLORIZEL — Que a sorte nos ajude. E assim, Camilo, vamos ganhar a praia.

CAMILO — Toda a pressa nunca será demais.

(*Saem Florizel, Perdita e Camilo.*)

AUTÓLICO — Entendo do negócio; farej o-o de longe. Ouvido aberto, m irada rápida e m ãos leves são indispensáveis a todo batedor de carteira. Um bom nariz tam bém faz parte dos requisitos, para farej ar trabalho para os dem ais sentidos. Percebo que estam os em um a época em que os desonestos prosperam . Que barganha m agnífica j á não seria a que eu fiz, ainda que não m e tocasse nenhum lucro de crecença! E que lucro enorm e com a troca! Não há dúvida: este ano os deuses estão coniventes conosco, sendo-nos perm itido tudo fazer ex tem pore. O próprio príncipe está no ponto de realizar algum a patifaria, fugindo do dom icílio paterno com as peias nos pés. Se eu estivesse certo de que era ato de honestidade com unicar ao rei o que se passa, não lhe diria nada. Considero m aior velhacaria guardar sigilo sobre o caso, com o que m e m antenho coerente com a m inha profissão. Afastem o-nos! Eis que vêm chegando m ais ocupações para um cérebro quente. Todo beco, toda loj a, igreja a, sessão, todo enforcam ento dá trabalho a quem quer que cuide de seus interesses.

(Voltam o bobo e o pastor.)

BOBO — Vede que hom em sois agora. Não há outra saída, senão revelardes ao rei que ela é um a criança encontrada, sem nenhum a relação com vossa carne e com vosso sangue.

PASTOR — Não; escuta-m e.

BOBO — Não; escutai-m e.

PASTOR — Então, prossegue.

BOBO — Um a vez que ela não é nem vossa carne nem vosso sangue, vossa carne e vosso sangue não ofenderam o rei; assim sendo, nem vossa carne nem vosso sangue se tornaram passíveis de punição. Mostrai-lhe os obj etos que encontrastes j untam ente com ela, todos eles m isteriosos, com exceção dos que ela traz consigo. Um a vez feito isso, deixai que a lei assobie, é o que vos digo.

PASTOR — Contarei tudo ao rei, palavra por palavra, sim , sem om itir a partida que lhe pregou o próprio filho, que não procede com o hom em de bem , posso afirm á-lo, nem com relação ao pai, nem com relação a m im , ao querer fazer-m e cunhado do rei.

BOBO — De fato, cunhado era o m enos que poderíeis ser dele, depois do que ficaríeis com o sangue m ais caro não sei quanto a onça.

AUTÓLICO (*à parte*) — Muito bem pensado, m eus basbaques.

PASTOR — Vam os então procurar o rei. Levam os-lhe neste em brulho algum a coisa que o fará coçar a barba.

AUTÓLICO (*à parte*) — Não com preendo em que essa revelação poderá prej udicar a fuga do m eu senhor.

BOBO — Tom ara que ele estej a em palácio.

AUTÓLICO (*à parte*) — Em bora eu não sej a naturalm ente honesto, às vezes o sou por acaso. Ponham os no bolso esta excrescência de m ascate. (*Arranca a barba postiça.*) Então, rústicos, para onde vos atirais?

PASTOR — Vam os a palácio, com perm issão de Vossa Senhoria.

AUTÓLICO — Que negócio tendes lá? Quais? Com quem ? Que contém esse em brulho? Onde m orais? Com o vos cham ais? Quantos anos tendes? Vossos recursos? Fam ília? Em sum a: revelai-m e tudo que for conveniente saber.

BOBO — Som os gente sim ples, senhor.

AUTÓLICO — Mentira! Sois ásperos e peludos; não m e venhais com m entiras. Mentir só é próprio de com erciantes, que por vezes nos im pingem petas, a nós outros, soldados. Mas nós lhes pagam os com m oeda batida, não com ferro que bate; por isso eles não nos mentem.

BOBO — Vossa Senhoria esteve no ponto de nos apanhar num a m entira, se nós não tivéssem os sido surpreendidos na hora.

PASTOR — Sois da corte, senhor, se não vos desagrada?

AUTÓLICO — Agrade-m e ou não m e agrade, sou cortesão. Não percebes o ar da corte nesta indum entária? Não ando no com passo da corte? Teu nariz não percebe em m inha pessoa o odor da corte? Não faço reflexos em tua baixaza com o m eu desprezo de cortesão? Sou cortesão da cabeça aos pés, alguém que poderá fazer avançar ou retardar teus interesses na corte. Por isso, ordeno-te que m e reveles o que te leva lá.

PASTOR — Certo negócio, senhor, com o rei

AUTÓLICO — E com que advogado contas para isso?

PASTOR — Não sei, senhor, com perm issão de VossaSenhoria.

BOBO — Advogado, na linguagem da corte, quer dizer faisão. Dizei-lhe que não tendes nenhum .

PASTOR — Realm ente, senhor; não tenho nenhum faisão; nem m acho nem fêm ea

AUTÓLICO — Com o som os felizes por não serm os gente desse quilate! A natureza, contudo, poderia ter-m e feito com o eles são. Não devo desprezá-los.

BOBO — Deve ser um grande cortesão.

PASTOR — As vestes são ricas, m as ele não as usa com elegância.

BOBO — Quanto m ais original, m ais nobre parece. Um grande hom em , posso afiançar-vos; conheço pela m aneira de palitar os dentes.

AUTÓLICO — E aquele em brulho? Que contém ? Para que é essa caixa?

PASTOR — Neste em brulho, senhor, e nesta caixa há segredos que só podem ser revelados ao rei, o que se dará dentro de um a hora, se eu conseguir falar-lhe.

AUTÓLICO — Pois perdeste o trabalho, m eu velho.

PASTOR — Por quê, senhor?

AUTÓLICO — O rei não se acha no palácio; foi para bordo de um novo navio, a fim de purgar sua m elancolia e tom ar ar. Se fores capaz de com prender assuntos sérios, deves saber que o rei está cheio de preocupações.

PASTOR — É o que dizem , senhor, por causa de seu filho, que queria casar com a filha de um pastor.

AUTÓLICO — Se esse pastor ainda não está na grade, que trate de fugir. As m aldições que vão cair em cim a dele, as torturas que terá de suportar, quebrariam o dorso a qualquer hom em e o coração de um monstro.

BOBO — Pensais assim , m eu senhor?

AUTÓLICO — Não é ele som ente que há de sofrer o que a m aldade possa inventar de pesado e a vingança de am argoso; todos os seus parentes, até o quinquagésimo grau, serão tam bém entregues ao carrasco. É pena, m as é inevitável. Um velho assobiador de ovelhas, um guardador de carneiros, que queria que sua filha se tornasse fidalga! Há quem diga que vai ser apedrej ado; m as eu penso que essa m orte, para ele, seria pouco branda.

Puxar nosso trono para um a cabana de pastor! Todas as m ortes são poucas, e a m ais cruel ainda será m uito branda.

BOBO — Já ouvistes dizer, senhor, se não vos desagrada, que esse velho tenha algum filho?

AUTÓLICO — Tem um filho, que vai ser esfolado vivo, depois besuntado de m el e posto ao lado de um vespeiro, onde o deixarão até ficar m orto três quartas e um a dracm a. A seguir, fá-lo-ão reanim ar com aquavita e ou qualquer outra infusão quente. Depois, escalavrado com o estiver, no dia m ais quente previsto pelo alm anaque, será colocado contra um m uro de tij olos, onde o sol olhará para ele com o seu olho sul e o ficará contem plando até que as m oscas o liquidem . Mas, por que falarmos desses velhacos e traidores, cuj as m isérias só nos provocam riso, tão graves foram seus crimes? Dizei-m e — pois pareceis gente honesta e sim ples — que é que levais para o rei. Gozando de certa consideração, poderei guiar-vos até a bordo do navio em que ele se acha, levar-vos à sua presença e segredar-lhe algum as palavrinhas a vosso favor. Se há alguém — tirante o rei — que poderá dar boa conclusão a vossas pretensões, aqui está essa pessoa.

BOBO — Parece gozar de grande autoridade. Instai com ele; dai-lhe ouro; porque em bora a autoridade sej a um urso teim oso, m uitas vezes, à vista de ouro, deixa-se conduzir pelo nariz. Mostrei o interior de vossa bolsa ao exterior da m ão dele, e nem m ais um a palavra. Não vos esqueçais: “Apedrej ado” e “esfolado vivo!”

PASTOR — Se quereis ter a bondade, senhor, de patrocinar nosso negócio, aqui tendes o ouro de que disponho. Poderei arranjar outro tanto, deixando este j ovem com o penhor, até que vos traga a outra porção.

AUTÓLICO — Depois de eu ter feito o que prom eti?

PASTOR — Perfeitam ente, senhor.

AUTÓLICO — Muito bem . Então, entrega-m e essa m etade. E tu, tam bém estás interessado nesse negócio?

BOBO — De certo m'odo, senhor; m'as em bora m'inha pele não sej a lá das m'elhores, espero que não m'e façam sair dela contra m'inha vontade.

AUTÓLICO — Oh! Isso só acontecerá com o filho do pastor. À força com ele, para que sirva de exem plo.

BOBO — Coragem ! Coragem ! Terem os de procurar o rei e m'ostrar-lhe esses obj etos estranhos. É preciso que ele fique sabendo que ela não é vossa filha nem m'inha irm ã. Do contrário, estarem os perdidos. Senhor, um a vez concluído o negócio, dar-vos-ei tanto quanto vos deu este velho, ficando, com o ele disse, na qualidade de penhor, até que ele traga o resto da importância.

AUTÓLICO — Tenho confiança em vós. Ide na frente, em direção do m'ar. Vou só ver o que se passa do outro lado da sebe, e j á vos alcançarei.

BOBO — Para nós este hom em foi um a bênção, pode-se dizer; verdadeira bênção.

PASTOR — Vam os na frente, conform e ele ordenou que o fizéssem os. Foi a Providência que no-lo enviou.

(Saem o pastor e o bobo.)

AUTÓLICO — Estou vendo que se eu quisesse ser honesto, a Fortuna não o consentiria; ela própria faz que as presas m'e venham cair na boca. Sou cortejado agora por um a dupla vantagem : obter ouro e prestar um bom serviço ao príncipe m'eu senhor. Quem sabe até que ponto isso poderá redundar em seu proveito? Vou levar-lhe a bordo essas duas toupeiras, esses dois cegos. Se ele achar proveito em recam biá-los para terra, por j ulgar que não lhe diz respeito a petição que eles tencionam apresentar ao rei, que m'e dê o nom e de m'aroto, por m'e ter m'ostrado tão serviçal; j á estou à prova de fogo com tudo o que diz respeito a sem elhante título e ao opróbrio inerente a ele. Vou apresentá-los ao príncipe; pode ser que isso m'e renda algum a coisa. *(Sai.)*

ATO V

Cena I

Sicília. Um quarto no palácio de Leontes. Entram Leontes, Cleômenes, Dion, Paulina e outros.

CLEÔMENES — Senhor, fizestes m uito; o sofrim ento que revelais é próprio só de m ártires. Quantos erros houvésseis praticado, j á se acham redim idos, que ultrapassa de m uito a penitência vossas altas. Com o rem ate, o céu im itai nisso, esquecendo vosso erro, e, tal com o ele, a vós m esm o perdoando.

LEONTES — Em todo o tem po que dela eu m e lem brar e de seus dotes, im possível ser-m e-á lançar no olvido quanto fui m au em relação a ela, quanto com igo inj usto, indo até ao ponto de deixar sem herdeiro o próprio trono e de m atar a m ais distinta esposa com que sonhar pudesse qualquer hom em .

PAULINA — É certo, m eu senhor; é m uito certo. Se desposásseis todas as m ulheres do m undo, um a por um a, ou se de quantas agora existem retirásseis tudo que de m ais alto as orna, para a esposa perfeita conseguirdes, im possível vos fora, ainda, pô-la em paralelo com aquela que matastes.

LEONTES — É o que eu penso, tam bém . A que eu m atei... Sim, dei-lhe a m orte; foi o que fiz. Porém m e feres fundo, falando desse m odo. Tão amarga te sabe à língua essa lembrança, como à minha retentiva. Assim me fala, boa amiga, mas muito mais de espaço.

CLEÔMENES — Não, j am ais, boa dam a. Poderíeis ter falado m ii coisas que m ais úteis fossem neste m om ento e m ais de acordo com a bondade que tanto ws distingue.

PAULINA — Sois um daqueles que desej am vê-lo novam ente casado.

DION — Se não fordes desses tam bém , é que não tendes pena das condições do Estado, nem das glórias vos im portais de seu ilustre nom e, não vos incom odando os grandes riscos que o reino am eaçar podem , se Sua Graça continuar desse m odo sem herdeiros, a m orrer vindo os que se mostrem dúbios. Que fora mais piedoso do que júbilo revelar pela bem-

aventurança de que se goza a falecida rainha? Que m ais piedoso, ainda, porque o trono m ais firm e se tornasse, para nosso consolo e bem das gerações futuras, do que de novo abençoar o leito de Sua Alteza com um a grata esposa?

PAULINA — Nenhum a é digna disso, se pensarm os naquela que m orreu. Dem ais, os deuses não de querer que em tudo se confirm em seus desígnios ocultos. Não é certo ter-se m anifestado o divo Apolo, e dito expressam ente o seu oráculo que sem herdeiro ficaria Leontes, enquanto não aparecesse a filha que ora perdida está? Mas tão obstrusa para nossa razão será tal coisa, com o quebrar a tum ba o m eu Antígono e voltar para m im , pois que é certeza — por m inha vida o j uro — ter m orrido j untam ente com ela. Ora, assim sendo, desej ais que m eu am o ao céu se oponha, que despreze seus planos? (*A Leontes.*) Não vos sej a m otivo de cuidado a descendência. A coroa há de achar seu próprio herdeiro. O fam oso Alexandre deixou a sua para o m ais digno, tendo, assim , o trono passado para um sucessor condigno.

LEONTES — Boa Paulina, sei que ainda cultuas a m em ória de Herm íone. Oh! tivesse seguido teus conselhos! Ainda hoj e contem plaria m inha cara esposa e um tesouro colhera de seus lábios.

PAULINA — Deixando-os m ais valiosos depois disso.

LEONTES — Só falas a verdade. Igual esposa j á não se encontra. Logo, não m e falem m ais em casar. Um a pior consorte, que de m im recebesse m ais afagos, obrigaria seu sagrado espírito a voltar para o corpo e vir ao palco em que eu — seu assassino — ainda m e encontro, para, com desespero, perguntar-me: “Por que me fazeis isso?”

PAULINA — Se tivesse poder para isso, causa lhe sobrara.

LEONTES — Não lhe faltara, certo; e m e induzira a m atar a m ulher que eu desposasse.

PAULINA — Se espectro errante eu fosse, é o que faria. Mandar-vos-ia contem plar-lhe os olhos, e depois perguntara: “Esse olhar m orto foi que vos atraiu?” Depois, soltara tão forte guincho, que vos deixaria de ouças arrebetadas, despedindo-se com vos dizer: “Recorda-te de m im !”

LEONTES — Estrelas cintilantes, verdadeiras estrelas, não passando os outros olhos de carvões apagados. Não receies outra m ulher, Paulina; jam ais hei de casar de novo.

PAULINA — Não quereis j urar-m e que não vos casareis, sem que para isso vos dê consentim ento?

LEONTES — Quero, boa Paulina; j uro-o pela vida eterna.

PAULINA — Tom ai nota, senhores, desta j ura.

CLEÔMENES — A excessivo torm ento o subm eteis.

PAULINA — A m enos que lhe surj a aos olhos outra que se pareça tanto com Herm íone com o sua própria im agem .

CLEÔMENES — Boa dam a...

PAULINA — Cheguei ao fim . Se o m eu senhor, de fato, quer casar outra vez — se decidistes, senhor, sobre esse ponto — reservai-m e a incum bência de esposa procurar-vos. Não há de ser tão j ovem quanto Herm íone, m as de tal aparência, que se o espírito da m orta retornasse, se alegrara de vê-la em vossos braços.

LEONTES — Minha boa Paulina, não nos casarem os antes de nos dares licença.

PAULINA — Será isso quando voltar à vida vossa esposa. Antes, j am ais.

(Entra um gentil-homem.)

GENTIL-HOMEM — Alguém que se apresenta com o o Príncipe Florizel, descendente de Políxenes, com sua esposa — a m ais form osa j ovem que eu jamais vi — deseja ser trazido diante de Vossa Alteza.

LEONTES — Que acontece?. Não chega com o fora de esperar-se da grandeza do pai. Essa visita tão despida de toda cerim ônia, tão súbita, nos diz que não se trata de um a visita regular, m as de algo forçado ou acidental. Qual é o seu séquito?

GENTIL-HOMEM — Poucas pessoas; todas, gente sim ples.

LEONTES — Vem com ele, dissestes, a princesa?

GENTIL-HOMEM — A m ais linda porção de argila, creio, que o sol em qualquer tem po haj a alum iado.

PAULINA — Ó Herm íone! Com o em todos os tem pos o presente se

vangloria à custa do passado, teus encantos agora o lugar cedem diante dos mais recentes. Cavalheiro, vós mais, porém, eu tinha — com vossa permissão — quase esquecido. Mas esta agora, quando for notada por vossos olhos, obterá, sem dúvida, irrestritos encômios. É criatura que se fundar quisesse algum a seita, faria arrefecer aos próprios chefes das outras o entusiasmo, convertendo para a sua a quem quer que ela acenasse.

GENTIL-HOMEM — Perdão, senhora; um a, porém, eu tinha — com vossa permissão — quase esquecido. Mas esta agora, quando for notada por vossos olhos, obterá, sem dúvida, irrestritos encômios. É criatura que se fundar quisesse algum a seita, faria arrefecer aos próprios chefes das outras o entusiasmo, convertendo para a sua a quem quer que ela acenasse.

PAULINA — Inclusive mais mulheres?

GENTIL-HOMEM — As mais mulheres não de dedicar-lhe amor, por estar ela mais acima a dos homens, e estes todos, por ser ela a mais rara das mulheres.

LEONTES — Ide, Cleômenes. E vós, com vossos mais distintos amigues, conduzi-os para que os abracem os. (*Saem Cleômenes, nobres e o gentil-homem.*) Mas é estranho que venha por mais aneira tão furtiva!

PAULINA — Se estivesse com vida o nosso príncipe — a pérola das crianças — formaria com este nobre um par digno de ver-se, pois entre a idade de ambos não havia um mais de diferença.

LEONTES — Por obséquio, não prossigas. Bem sabes que ele mais morre para mais imovamente, quando nele qualquer pessoa fala. No momento em que eu vir esse

NOBRE — estou bem certo — tuas palavras não de sugerir-me e pensamentos que louco vão deixar-me. Mas eis os visitantes. (*Volta Cleômenes com Florizel, Perdita e outros.*) Caro Príncipe, vossa mais mãe foi fiel ao mais matrimônio, porque reproduziu, ao conceber-vos, a imagem fiel de vosso nobre pai. Se vinte e um anos eu tivesse agora — de tal mais aneira os traços fisionômicos de vosso pai em vós se reproduzem, toda sua postura — vos daria o título de irmão, com o com ele costumava fazer naquele tempo, e de algum a loucura vos falara que praticado houvessem os pouco antes. De coração vos dou as boas-vindas e a vossa bela esposa — vera deusa! — Oh céus! Perdi dois filhos, um casal, que se entre o céu e a terra ainda estivessem, espanto despertaram com o agora, par graciosos, o fazeis. Por culpa própria, perdi a com panhia e o grande afeto de vosso nobre pai. Pelo

infortúnio dobrado com o estou, desejaria viver ainda só para revê-lo.

FLORIZEL — Por ordem dele vim até à Sicília e de sua parte trago-vos saudares com o um am igo e rei a um m ano envia. E se a fraqueza própria da velhice do consueto vigor não o tivesse, de algum m odo, privado, ele, em pessoa, m edido então teria a terra e os m ares que entre o seu trono e o vosso se interpõem , com o fito de vos ver, a vós, a que ele — m andou que vos dissesse — am or dedica m aior que aos tronos todos e aos m onarcas que, vivos, nele se acham .

LEONTES — Que bondoso gentil-hom em ! Que irm ão! Todos os m ales que te causei, de novo m e com pungem e essa tua m ensagem tão tocante m e exprobra a negligência. Sois bem -vindo com o o é a prim avera sobre a terra. Com o! Expôs ele esta criatura linda ao j ogo perigoso, ou, quando nada, pouco agradável do feroz Netuno, só para vir saudar quem não é digno dessas canseiras nem de que se arrisque tão preciosa pessoa?

FLORIZEL — Meu bondoso soberano, da Líbia ela procede.

LEONTES — Onde o valente Esm alo, esse guerreiro nobre e honrado, é tem ido e venerado?

FLORIZEL — De lá, real senhor, da parte dele, cujas lágrimas, quando nos partimos, a proclamavam filha muito amada. De lá, precisam ente, um vento próspero do sul nos trouxe, para cum prim ento darm os às ordens de m eu pai, de a Vossa Grandeza visitarm os. Quase todo m eu séquito, ao tocarm os na Sicília, foi por m im dispensado, não som ente porque levada à Boêm ia fosse a nova do m eu bom êxito na Líbia, com o por dar notícias que eu com m inha esposa chegam os bem onde ora nos acham os.

LEONTES — Que os deuses caridosos purifiquem de qualquer infecção nossa atm osfera todo o tempo que aqui perm anecerdes. Tendes um pai piedoso, um gentil-hom em de nobreza sem j aça, contra cuja santa pessoa eu com eti pecado. Com o castigo disso, o céu colérico m e deixou sem herdeiro, enquanto vosso bendito pai — m erecedor de tudo com que o céu o abençoe — feliz se encontra convosco, digno dele. Oh! A que altura não teria eu chegado, se pudesse ver um a filha e um filho tão perfeitos com o par que ora vejo!

(Entra um nobre.)

NOBRE — Muito nobre senhor, não m erecera nenhum crédito quanto vos vou dizer, se não tivessem os as provas aqui perto. Grande príncipe, Boêm ia

peço a vossa saúde, valendo-se do meu modesto préstimo. A deter vos concita o filho dele que, esquecido do cargo e dos deveres, fugiu do pai, das próprias esperanças, com a filha de um pastor.

LEONTES — Onde está Boêmia?

NOBRE — Nesta cidade; acabo de falar-lhe. Sei que falo sem nexo, mas de acordo com meu espanto e esta mensagem rara. Ao vir depressa para vossa corte, seguindo o rasto, pelo que suponho, deste belo casal, deu em caminho com o pai desta princesa imprevista e o irmão dela, que a pátria abandonaram em companhia deste jovem príncipe.

FLORIZEL — Camilo me traiu, ele que à prova do tempo a honestidade e a honra pusera.

NOBRE — Podeis fazer-lhe cargo disso mesmo, pois com o rei vosso pai ele se encontra.

LEONTES — Quem! Camilo?

NOBRE — Camilo, sim, meu senhor: falei-lhe agora mesmo. Interrogados por ele os dois coitados estão sendo. Nunca vi infelizes trem er tanto; ajoelham-se a toda hora, a terra beijam, outra coisa não dizem senão juras. O Rei da Boêmia as mãos leva aos ouvidos e os ameaça de morte com suplícios.

PERDITA — Meu pobre pai! O céu mandou espias sobre nós; não consente que levem os ao fim nosso esposório.

LEONTES — Sois casados?

FLORIZEL — Não, senhor; nem juramos nos casarmos. Será mais fácil, pelo que parece, virem beijar os vales as estrelas. Quem poderá ganhar com dados falsos?

LEONTES — E ela, senhor, é filha de um monarca?

FLORIZEL — Será, quando tornar-se minha esposa.

LEONTES — Quero crer que esse “quando”, com a chegada de vosso pai, vem muito lentamente. Causa-me pena, muita pena mesmo, ver que os laços rompestes da amizade a que o dever vos conservava preso, com o verificar que vossa escolha não seja, em posição, tão opulenta como o é em forma oscura, porque fosse natural que a possuísseis.

FLORIZEL — Alça a vista, m inha querida. Ainda que a Fortuna, nossa inimiga declarada, ao lado de m eu pai nos dê caça, força algum a tem de m odificar, de m fio apenas, nosso sincero am or. Senhor, suplico-vos lem brades-vos do tem po em que devíeis tanto à idade quanto eu. Com os sentim entos de então sede advogado em m inha causa. Meu pai, se lhe falardes, não vos há de negar nenhum pedido, dando com o ninharias as coisas m ais valiosas.

LEONTES — Se isso fosse verdade, eu lhe pedira vossa am ada preciosa, que ele j ulga não valer coisa algum a.

PAULINA — Meu senhor, nos olhos tendes muita mocidade; um mês antes da m orte da rainha, m uito m ais digna desse olhar era ela do que a pessoa que ora estais olhando.

LEONTES — Olhando esta, era nela que eu pensava. (*A Florizel.*) Não respondi a vossa petição. Vou ao encontro, j á, de vosso pai. Desde que não tisonou m ancha nenhum a dos desej os vossa honra, considero-m e am igo vosso e deles. Vam os j untos e vede o que eu fizer. Vinde, m eu caro.

(*Saem.*)

Cena II

O mesmo. Diante do palácio. Entram Autólico e um gentil-homem.

AUTÓLICO — Por obséquio, senhor, estivestes presente a essa história?

GENTIL-HOMEM — Estive presente, quando abriram o em brulho e ouvi com o o velho pastor contou com o o havia encontrado, ao que se seguiu um a fase rápida de espanto, tendo-nos sido dada ordem para que saíssem os da sala. Parece que ouvi ainda o pastor dizer que havia achado a criança.

AUTÓLICO — Desejaria muito saber o desenlace disso.

GENTIL-HOMEM — Fiz uma exposição muito incompleta do que houve; mas as alterações que eu percebi no rei e em Camilo eram indicadoras de extrema perplexidade. Pela maneira que se olhavam, dir-se-ia que os olhos iam saltar-lhes das órbitas; havia eloquência no movimento deles e linguagem em seus próprios gestos. Davam a impressão de estarem ouvindo falar de mundos resgatados ou destruídos. Revelavam sinais de grande estupefação; mas qualquer testemunha sagaz, que só formasse opinião pelo que visse, não saberia dizer se toda aquela emoção era fruto de alegria ou de tristeza, sendo certa que só poderia tratar-se de um desses dois sentimentos, elevado ao máximo. (*Entra outro gentil-homem.*) Aí vem um gentil-homem em que talvez nos possa informar de mais alguma coisa. Quais são as novidades, Rogero?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Nenhum, senão fogos de alegria. Cumpriu-se o oráculo: a filha do rei foi encontrada. Tantas coisas espantosas se tornaram conhecidas nesta hora, que os fazedores de baladas não serão capazes de dar-lhes expressão adequada. (*Entra um terceiro gentil-homem.*) Aí vem o intendente da senhora Paulina. Ele vos contará mais algum particularidades. Então, senhor, em que ponto estão as coisas? As novidades que nos são dadas com o puras verdades, parecem -se tanto com um velho conto, que a veracidade do fato se nos afigura muito suspeita. É certo que o rei encontrou a herdeira.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Certíssimo, se em qualquer tempo a verdade já foi demonstrada pelas circunstâncias. Poderíeis jurar que vistes que tudo o que vos contam, tal é a coerência das provas. O quanto da Rainha Hermíone, a jóia que a criança trazia ao pescoço, as cartas de Antígono,

cuj a letra foi reconhecida, a m aj estade da senhorita, a sem elhança com a m ãe, a expressão de nobreza, m uito acima de sua educação, e denotadora de origem m ais elevada, e m uitas outras evidências proclam am , sem som bra de dúvida, que ela é m esm o a filha do rei. Vistes o encontro dos dois m onarcas?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Não.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Então perdestes um espetáculo que não pode ser contado; precisava ter sido visto. Teríeis visto com o as alegrias se coroavam sucessivam ente, e de form a tal que só parecia que a tristeza chorava por despedir-se deles, de tal m odo a alegria patinhava em lágrimas. Am bos não faziam senão olhar para o céu e levantar as m ãos, com tão perturbados m odos, que só eram reconhecíveis pelas vestes, não pela fisionom ia. Nosso rei, com o se quisesse sair de si m esm o, de alegria por haver encontrado a filha, com o se de súbito essa alegria se houvesse transform ado em dor, gritava: “Oh, tua m ãe! Tua m ãe!” Depois, pedia perdão ao Rei da Boêm ia; depois abraçava o genro; depois, corria a abraçar açodadam ente a filha. Agradece ao velho pastor, que se m antinha com o um a figura de chafariz estragada pelo tem po durante m uitas gerações de reis. Nunca ouvi falar de um encontro com o esse; deixa m anca qualquer relação que dela se queira fazer e desafia qualquer descrição.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Dizei-m e, ainda, por obséquio, que aconteceu com Antígono, que fora incum bido de expor a criança?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Ainda no j eito dos velhos contos, em que há m uito que dizer, m uito em bora cochile a credulidade e nenhum ouvido fique atento: foi estraçalhado por um urso, conform e o afirm a o filho do pastor, cuj a palavra é reforçada não som ente por sua própria ingenuidade — que parece grande, realm ente — com o tam bém por um lenço e os anéis que Paulina reconheceu como tendo pertencido ao marido.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — E que foi feito do navio dele e de seus tripulantes?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Foi a pique no m om ento preciso em que m orria o dono, e à vista do pastor, de form a que todos os instrum entos que haviam tom ado parte no ato de ser exposta a criança se perderam no m om ento em que ela foi encontrada. Mas, oh! que nobre com bate se travava em Paulina, entre a alegria e a tristeza! Um dos olhos se abaixava pela perda do m arido, enquanto o outro se elevava por ter sido cum prido o

oráculo; levantava do solo a princesa e a abraçava com tam anho ardor, com o se a quisesse cravar no coração, para que não viesse a correr o risco de vir novam ente a perder-se.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — — A grandeza dessa cena m erecia um auditório de reis e de príncipes, por serem tais os seus atores.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Um dos acidentes m ais com ovedores, que chegou a pescar nos m eus olhos — só tendo apanhado água, sem pegar peixe algum — à relação da m orte da rainha e da causa que a provocou — adm iravelm ente confessada e lastim ada pelo rei — foi a tensão dolorosa da filha, que, num crescendo de m anifestação de sofrim ento, por últim o, com um a exclam ação, poderia dizer, sangrou em lágrim as, pois estou certo de que o m eu coração tam bém chorava sangue. Dos assistentes, os m ais de pedra m udaram de cor; alguns desm aiaram ; todos se m ostravam profundam ente com ovidos, e se o m undo inteiro houvesse presenciado a cena, a tristeza teria sido universal.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Já voltaram para a corte?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Não; que a princesa ouviu falar da estátua de sua m ãe, que se acha sob a guarda de Paulina — trabalho que requereu anos e que foi recentem ente concluído por Júlio Rom ano, o grande m estre italiano, que, se fosse im ortal, insuflaria alento em sua criação e usurparia a própria função da natureza, tal é a perfeição com que a im ita. Fez um a Herm íone tão sem elhante a Herm íone, que, segundo dizem , a gente fala com ela e fica à espera de resposta. Para lá se dirigiram todos com a sofreguidão da afeição, pretendendo cear lá m esm o.

GENTIL-HOMEM — Herm íone, duas ou três vezes por dia ela se dirigia sozinha para essa casa apartada. Não quereis ir tam bém lá, para nos associarm os à alegria geral?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Haverá quem não queira ir, gozando do benefício do acesso? A cada piscar de olhos pode nascer um novo m otivo de alegria. Nossa ausência nos deixaria privados de inform ações. Sigam os.

(Saem os gentis-homens.)

AUTÓLICO — Agora, se não fosse a m ácula de m inha vida anterior, choveriam sobre m im as prom oções. Fui eu que levei o velho e seu filho para bordo do navio do príncipe e lhe disse que os surpreendera a falar de certo em brulho e de não sei que m ais. Mas nessa ocasião o príncipe se

encontrava obcecado pela filha do Pastor — ainda a tinha nessa conta — que com eçava a sofrer de enjôo, não estando ele tam pouco m uito m ais firme, porque a tem pestade não parara. Daí não ter sido descoberto nessa ocasião o segredo. Mas para m im , tanto faz. Se tivesse sido eu o descobridor do segredo, isso não anularia m inhas velhacarias anteriores. Aí vêm os dois, aos quais eu fiz bem sem o querer; encontram -se em pleno desabrochar da fortuna.

(Entram o pastor e o bobo.)

PASTOR — Vam os, m enino; outros filhos não posso ter; m as teus filhos e tuas filhas hão de nascer fidalgos.

BOBO — Belo encontro, senhor. Há dias não vos quisestes bater com igo, por eu não ser gentil-hom em de nascim ento. Vedes esta roupa? Dizei que não a estais vendo e continuei a pensar que eu não sou gentil-hom em de nascim ento. Faríeis m elhor se dissésseis que esta roupa não é de gentil-hom em de nascim ento. Experim entai desm entir-m e, para verdes se eu sou ou não um gentil-hom em de nascim ento.

AUTÓLICO — Agora sei, senhor, que sois, realm ente, um gentil-hom em de nascim ento.

BOBO — Sim , e sem pre o fui, desde as últim as quatro horas.

PASTOR — Eu tam bém , rapaz.

BOBO — Sim, vós também; mas eu me tornei gentil-hom em de nascimento antes de meu pai, porque o filho do rei me tomou pela mão e me chamou de irm ão. Foi só depois que os dois reis deram o nom e de irm ão a m eu pai e que o príncipe meu irmão e a princesa minha irmã chamaram de pai a meu pai, tendo nós, então, chorado as primeiras lágrimas de gentil-hom em.

PASTOR — Ainda poderem os viver, filho, para chorar m uitas m ais.

BOBO — É certo; do contrário, seria verdadeira infelicidade, dada a nossa posição tão despropositada.

AUTÓLICO — Hum ildem ente vos suplico, senhor, que m e perdoeis todas as faltas com etidas em relação a Vossa Senhoria, e que vos digneis dizer a m eu favor um a palavrinha ao príncipe, m eu am o.

PASTOR — Peço-te, m eu filho, que faças isso; precisam os m ostrar-nos

generosos, agora que som os gentis-homens.

BOBO — Prometes que te corrigireis?

AUTÓLICO — Sim, com a permissão de Vossa Senhoria.

BOBO — Dá-me a mão; vou jurar ao príncipe que tu és um sujeito tão honesto com o quem quer que o seja na Boêmia.

PASTOR — Poderás dizer isso, porém sem jurar.

BOBO — Não jurar, agora que sou gentil-homem? Camponeses e burgueses que se contentem em falar; eu, hei de jurar.

PASTOR — E se for falso?

BOBO — Por mais falso que seja, um gentil-homem poderá afirmar em juramento, quando se trata de favorecer a um amigo. Vou jurar ao príncipe que tu és bom de mãos e que não te embriagas, ainda que eu saiba que não és de mão muito boa e que te embriagas. Mas hei de jurá-lo, desejando que sejas muito bom de mãos.

AUTÓLICO — Hei de esforçar-me e para sê-lo, senhor, quanto em mim estiver.

BOBO — Sim, prova-me isso por todas as maneiras. Se eu não me admirar de tu ousares em briagar-te sem seres bom de mãos, nunca mais acredites em mim. Escutai! Os reis e os príncipes, nossos parentes, vão indo ver a estátua da rainha. Vam os; acompanhá-los; serem os bons para ti.

(*Saem.*)



Cena III

O mesmo. Uma capela em casa de Paulina. Entram Leontes, Políxenes, Florizel, Perdita, Camilo, Paulina, nobres e séquito.

LEONTES — Quanto consolo, m inha boa e digna Paulina, estou a dever-te!

PAULINA — Se por vezes, m eu soberano, errei, não foi por gosto. Todos os m eus serviços sem pre foram com pensados de sobra. Mas o fato, senhor, de não vos terdes dedignado, com vosso irm ão coroado e os dois herdeiros, de visitar a m inha pobre casa, é excesso de bondade que im possível em toda a vida m e será pagar-vos.

LEONTES — Oh Paulina! Só incôm odo vos dam os com a honra que dizeis. Mas aqui viem os, para a estátua adm irar de nossa esposa. Atravessam os vossas galerias não sem grande prazer, proporcionado pela vista de tantas raridades que nela se contêm ; m as ainda falta ver o que m inha filha tanto alm eja: a estátua da m ãe dela.

PAULINA — Assim com o ela não teve em vida quem se lhe igualasse, do m esm o m odo, creio, sua im agem inanim ada excede tudo quanto pela m ão do hom em foi j am ais criado. Eis a razão de a conservar à parte. Aqui está ela. Agora preparai-vos para ver com o a vida sim ulada zom ba da própria vida, com o nunca da m orte o sono o fez. Ei-la! Mirai-a e dizei que é perfeita! (*Paulina afasta uma cortina, deixando ver Hermíone, em posição de estátua.*) Esse silêncio diz bem de vosso espanto; isso m e agrada. Mas dizei qualquer coisa. Vós, prim eiro, m eu soberano; não é m ais ou m enos parecida?

LEONTES — Tal qual com o era em vida. Não m e censures, pedra idolatrada, se eu disser que és realm ente a m inha Herm íone. Não, sem m e censurares é que és ela, que sem pre foi tão branda com o a própria infância, com o a graça. Mas, Paulina, Herm íone não tinha tantas rugas; não tinha a idade que aparenta agora.

POLÍXENES — Oh! m uito m enos!

PAULINA — Tanto m ais nos forçam à adm iração os m éritos do artista, que a fez envelhecer dezesseis anos, plasm ando-a com o se hoj e ela vivesse.

LEONTES — Com o podia estar ainda, tanto para m inha alegria, quanto agora m e punge o coração. Oh! Desse m esm o m odo ela estava, com igual aprum o de nobre m aj estade — vida quente, que ora o calor perdeu — quando a prim eira declaração lhe fiz. Oh! envergonho-m e! A pedra não irá lançar-m e em rosto que m ais pedra do que ela ora eu pareço? O real obra-prim a! Há força m ágica em tua m aj estade, que m e evoca neste m om ento todos os m eus crim es e priva m inha filha estarrecida da vida dos sentidos, transform ando-a em pedra, com o tu.

PERDITA — Oh! Perm iti-m e, sem m e tachardes de supersticiosa, que eu m e ponha de j oelho e bênção peça. Senhora, soberana m ui querida, que vos finastes quando eu vim ao m undo, dai-m e a m ão, porque a beij e!

PAULINA — Oh! m ais paciência! A estátua foi concluída há pouco tem po; as cores ainda não estão bem secas.

CAMILO — Meu senhor, vossa dor tem sido grande todo esse tem po. Dezesesse invernos não a apagaram ; dezesseis estios não puderam secá-la. Nunca vive tanto a alegria; em m uito m enos tem po qualquer outra tristeza se m atara.

POLÍXENES — Perm iti, caro irm ão, que quem foi causa de tudo isto, de seu poder se valha para de vós tirar parte da pena que a ele próprio acabrunha.

PAULINA — Com franqueza, m eu senhor, se eu tivesse im aginado que vos abalaríeis tanto à vista de m inha pobre estátua — pois a pedra m e pertencia — não vo-la mostrara.

LEONTES — Não corras a cortina.

PAULINA — É conveniente não a verdes m ais tem po; em vosso enlevo poderíeis pensar que ela se m ove.

LEONTES — Deixa! Deixa! Quisera estar sem vida, se m orto eu j á não parecesse há m uito. Quem foi o autor da estátua? Vede, príncipe, não tendes a im pressão de que respira? de que estas veias contêm m esm o sangue?

POLÍXENES — É um a obra-prim a; nesses lábios pulsa m ais quente a própria vida.

LEONTES — A fixidez do olhar tem m ovim ento. Só parece que a arte zom ba de nós.

PAULINA — Não; vou tapá-la. Tão abalado m eu senhor se encontra que há de acabar pensando que ela vive.

LEONTES — Cara Paulina, deixa-m e durante vinte anos na ilusão de que é assim m esm o. Toda a razão do m undo vale m enos do que a ventura de um a tal insânia.

PAULINA — Causa-m e pena, m eu senhor, o ter-vos abalado a esse ponto. Poderia vos causar aflição m ais acendrada.

LEONTES — Faze-o, Paulina. Essa aflição m e sabe m ais docem ente que qualquer cordial. Mas sem pre quer-m e parecer que dela vero alento se evolva. Mas quando houve quem na pedra gravasse o próprio anélito? Podem zom bar de m im , m as vou beij á-la.

PAULINA — Perdão, m eu soberano, m as a tinta dos lábios ainda não secou de todo; com vosso beijo irifeis retirá-la, sobre suj ar-vos de óleo da pintura. Puxo a cortina?

LEONTES — Não, nestes vinte anos.

PERDITA — Tanto tem po eu tam bém ficara olhando-a.

PAULINA — Agora decidi-vos; ou da sala vos retirai já já, ou preparai-vos para m aior assombro. Se puderdes olhar a estátua ainda, farei que ela se m ova, desça e pela m ão vos tome. Mas então heis de crer — oque protesto — que algum poder perverso m e auxilia.

LEONTES — Verei contente tudo o que m andares que ela faça, e ouvirei tam bém de grado quanto ela m e disser, pois é tão fácil fazer que fale, com o que se m exa.

PAULINA — É preciso ter fé. Silêncio agora! Ninguém se m exa, salvo se há quem pense que o que eu vou praticar é condenável. Esse que se retire.

LEONTES — Continua;ninguém sairá daqui.

PAULINA — Desperta-a, m úsica! (*Música.*) Cessai de ser de pedra! É tem po. Vinde! Tocai em todos que vos olham , cheios de adm iração. Descei; deixarei cheio vosso sepulcro. Sim , aproxim ai-vos! Legai à m orte esse torpor, que a vida já vos libertou dela. Vede-a; m ove-se. (*Hermione desce do pedestal.*) Não vos m ostreis estupefactos; todos seus atos são sagrados, como foram lícitos meus conjuros. Recebei-a; do contrário, faríeis que

m orresse, o que fora m até-la duas vezes. A m ão lhe dai; j á a corte lhe fizestes, quando éreis m oço. Mas agora, idoso, ela é que vos cortej a.

LEONTES (*abraçando Hermíone*) — Oh! Está quente! Se m agia for tudo, sej a um a arte tão lícita com o o ato de com er.

POLÍXENES — Ela o beij ou.

CAMILO — Prendeu-se-lhe ao pescoço. Se está viva, que fale.

POLÍXENES — E nos declare onde viveu até hoj e e com o à m orte conseguiu escapar.

PAULINA — Se vos tivessem dito que ela vivia, certam ente riríeis com o de um a história antiga; m as que vive é evidente, em bora ainda não nos tenha falado. Um m om entinho, por obséquo. Form osa senhorita, é tem po de intervirdes. Aj oelhai-vos. Boa senhora, ouvi: nossa Perdita foi encontrada. (*Paulina apresenta Perdita, que se ajoelha diante de Hermíone.*)

HERMÍONE — Ó deuses, contem plai-nos, e de vossas crateras consagradas derram ai graças sobre m inha filha! Dize-m e, cara, com o te salvaste? Onde viveste até hoj e? De que m odo pudeste achar a casa de teu pai? Pois devo te dizer que, tendo ouvido de Paulina que o oráculo nos dera esperança de seres encontrada, deixei-m e ficar viva, porque visse como isso acabaria.

PAULINA — Para tanto, tem po haverá de sobra. Do contrário, perturbareis com vossa narrativa a grande dita de hoj e. Ora reuni-vos, vós todos que lucrastes neste dia, e aos dem ais transm iti vossa ventura, enquanto eu, pobre rola envelhecida, subirei para algum m irrado galho, para chorar o esposo que nunca há de retornar para m im , aí deixando-m e ficar até morrer.

LEONTES — Oh! não, Paulina! De minha mão receberás marido, como eu de ti a esposa. Isso é um contrato que entre j uras firm am os. Devolveste-m e a minha. Como a achaste... eis o problema; pois eu a vi, ao parecer, defunta, e em vão rezei em sua sepultura. Não terei precisão de ir m uito longe — pois em parte conheço os sentim entos dessa pessoa — para achar um digno m arido para ti. Cam ilo, adianta-te, e pela m ão a tom a, pois seu m érito e sua honestidade são notórios e por dois reis agora confirm ados. Saiam os da capela. Com o! Os olhos dirige ao m eu irm ão. Perdão vos peço, por haver posto m eu m olesto ciúm e entre vossos olhares inocentes. Eis vosso genro, filho de um m onarca, que por disposição do céu se torna de vossa filha noivo. Generosa Paulina, leva-nos daqui, para onde possam os com vagar interrogar-nos e responder sobre o papel que todos representam no intervalo

grande que se escoou desde a época remota em que nos separam os. Vai na frente.

(*Saem.*)

© copy left 2000 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
livrosdoexilado.org

Augusto 2013

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos **GRÁTIS**
direto na fonte:
www.livrosdoexilado.org